

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

As Componentes Cultural e Criativa da Vila de Óbidos e a Covid-19

Camila Marques Campos

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientador:

Doutor José Soares da Silva Neves, Professor Auxiliar Convidado
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2021



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

As Componentes Cultural e Criativa da Vila de Óbidos e a Covid-19

Camila Marques Campos

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientador:

Doutor José Soares da Silva Neves, Professor Auxiliar Convidado
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2021

Agradecimento

Quero, antes de tudo, agradecer a mim, por mesmo, em certos momentos de descrença e falta de motivação, e com o apoio externo de professores, familiares, amigos, ao Universo e forças transcendentais, não desistir de apresentar e desenvolver a melhor dissertação.

A nível particular gostaria sem dúvida nenhuma de agradecer primeiramente ao professor José Soares Neves, o orientador desta investigação, que sempre, de modo pacífico e compreensivo, me orientou e me ajudou a alcançar os objetivos definidos desde o início do processo. À professora Maria João Vaz, coordenadora do mestrado, que sempre se disponibilizou para esclarecer qualquer dúvida e questão que pudessem surgir, aos restantes professores das diferentes unidades curriculares que ao longo destes dois anos me ensinaram ferramentas pertinentes e necessárias ao desenvolvimento do meu percurso académico.

Gostaria também de agradecer à minha família. Aos meus pais, avós e tios por todo o apoio e força que me dão, assim como o apoio no desenvolvimento da minha educação académica através da licenciatura e agora do mestrado.

Não me posso esquecer, claro, dos meus amigos, que muitas vezes mesmo à distância me deram muito suporte e força, e me elucidaram da capacidade que o ser humano tem, mesmo que por vezes duvide disso mesmo. As amigas e amigos: Babi; Jojô; Marisa; Louro; Conde; André; Edna; Mariana; todo o grupo de amigos (P.P.C.V.) que tive a oportunidade de conhecer ao ingressar neste mestrado, cada um me influenciou com a sua personalidade e singularidade; aos meus queridos delegados de turma, o Tiago e o João, que, na posição de amigos e cada um à sua maneira sempre me ajudaram e muito me motivaram ao longo destes dois anos; ao meu grupo de amigos Real Deal; aos meus queridos vizinhos; e a todos os restantes amigos que sempre me deixaram uma palavra de apreço e um bom conselho.

Para concluir, gostaria de deixar este pensamento que me foi surgindo durante este processo criativo, relativamente à influência externa e às conversas que fui tendo com diversas pessoas durante estes 10 meses em que decorreu o desenvolvimento desta dissertação: “A sociedade consegue influenciar-nos e de tal modo interferir nas nossas vidas que por vezes até nos esquecemos que devemos ser nós a influenciá-la e a contribuir para uma dinâmica social, ajudando assim a um pensamento crítico, provido de lógica, mas não de uma qualquer, fazendo

da nossa mente uma das características mais importantes a serem fortalecidas em nós, sem influência externa, para que nos possamos conhecer melhor e saber autovalorizarmo-nos.”.

Resumo

Analisar as componentes cultural e criativa de uma política autárquica pode ser um processo desafiante. Este desafio enfatiza-se ainda mais quando a investigação é realizada em um contexto específico pouco propício ao seu desenvolvimento como é o caso da pandemia mundial causada pela doença Covid-19. A vila de Óbidos foi provavelmente um dos lugares histórico-culturais que mais consequências sofreu causadas pela pandemia a nível nacional, assim como todos os eventos culturais e criativos de que é produtora. Não só a cultura obidense foi alvo de mudança, como também os setores turístico e comercial de que dela fazem parte. A presente investigação pretende ser uma viagem pelas vertentes cultural e criativa da vila, desde o contexto pré-pandémico, portanto anterior a março de 2020, até ao momento atual, setembro de 2021. Descobrir efetivamente o que se alterou, que alternativas nasceram, que medidas foram tomadas, não só através do Município, mas também por parte dos comerciantes e trabalhadores da vila, e, sobretudo, como toda a dinâmica de vila se reinventou. Pretende-se apurar estes dados através de vários momentos de pesquisa empírica recorrendo à utilização de entrevistas, junto das pessoas que passaram e observaram este fenómeno, como agiram e agem, como se sentem, o que mudou nas suas vidas e nos eventos culturais da vila. É possível concluir de que modos as componentes cultural e criativa de Óbidos foram afetadas pela pandemia. As fotografias de autor na vila complementam a investigação, de modo a torná-la mais multifacetada aludindo para a realidade observada.

Palavras-chave: Componente Cultural; Componente Criativa; Vila de Óbidos; Pandemia Covid-19; Mudança; Políticas Locais.

Abstract

Analyzing the cultural and creative components of one autarchic policy can be a challenging process. This challenge is even more emphasized when the investigation is carried out in a specific context less propitious to its development such as the case of the worldwide pandemic caused by the Covid-19 disease. The town of Óbidos was probably one of the historical and cultural places that suffered the most consequences caused by the pandemic at a national level, as well as all the cultural and creative events that it produces. Not only the culture of Óbidos was the target of change, but also the tourist and commercial sectors that are part of it. This research aims to be a journey through the cultural and creative aspects of the town since the pre-pandemic context, so that before march of 2020, until the present time, September of 2021. Understand, for sure what has changed, what alternatives were born, what measures were taken, not only through the Municipality, but also by the town's merchants and workers, and, above all, how the entire dynamic of the town was reinvented. It is intended to investigate this data through various moments of empirical research, with the people who have experienced and observed this phenomenon, how they acted and still act, how do they feel, what has changed in their lives and in the cultural events of the town. It is possible to conclude in which ways cultural and creative components of Óbidos were affected by the pandemic.

Keywords: Cultural Component; Creative Component; Town of Óbidos; Covid-19 Pandemic; Change; Local Politics.

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimento | i |
| Resumo..... | iii |
| Abstract | v |
| Introdução..... | 1 |
| CAPÍTULO 1 | 7 |
| Estado da Arte | 7 |
| 1.1. Cibercultura, Cultura Mundo e Economia Cultural..... | 7 |
| 1.2. Economia Cultural e Políticas Públicas Culturais | 11 |
| 1.3. Indústrias Criativas | 18 |
| 1.4. Análise de investigações já realizadas | 24 |
| CAPÍTULO 2 | 27 |
| Metodologia..... | 27 |
| CAPÍTULO 3 | 31 |
| Resultados da Pesquisa..... | 31 |
| 3.1. Análise da página da rede social Facebook do Município de Óbidos | 31 |
| 3.2. Análise do Organograma da Câmara Municipal de Óbidos | 32 |
| 3.3. Primeiro Momento da Pesquisa de Terreno..... | 36 |
| 3.4. Segundo Momento da Pesquisa de Terreno..... | 37 |
| 3.5. Terceiro Momento da Pesquisa de Terreno | 47 |
| Conclusão | 53 |
| Bibliografia..... | 61 |
| Fontes | 63 |
| Anexos..... | 65 |

Introdução

Tema e Pergunta de Partida

A cultura é um pilar fundamental para a sociedade, e, por conseguinte, é um tópico relevante de investigação. A cultura é algo importante e necessário. É fundamental para uma boa dinâmica social, uma vez que não é possível os indivíduos se relacionarem sem cultura e arte. Raymond Williams (2015) apresenta-nos a cultura como um todo, tudo é cultura mencionando que

The complex of senses indicates a complex argument about the relations between general human development and a particular way of life, and between both and the works and practices of art and intelligence (Williams, 2015, p. 53).

T. S. Eliot (1973) define cultura por “(...) culture is the one thing that we cannot deliberately aim at. It is the product of a variety of more or less harmonious activities, each pursued for its own sake.”, (1973, p. 19). Corroborando Williams, Eliot acrescenta três características do conceito, defendendo que

It is a part of my thesis that the culture of the individual is dependent upon the culture of a group or class, and that the culture of the group or class is dependent upon the culture of the whole society to which that group or class belongs (Eliot, 1973, p. 21).

É relativamente sobre a importância da cultura que surge o tema para o desenvolvimento da seguinte dissertação. Devido à dimensão de investigação deste tópico, será analisada a cultura direcionada para a importância dos eventos culturais. Como por sua vez é um campo de ação bastante amplo, e segundo Eliot “(...) the necessity that a culture should be analysable, geographically, into local cultures (...)”, (1973, p.15), pretendo desenvolver a investigação a um nível local.

O local que vai ser estudado é a vila de Óbidos e como Charles Landry (2000), nos sugere “Culture heritage is more than buildings – it is the panoply of cultural resources that demonstrate that a place is unique and distinctive.” (Landry, 2000, p. 39). Segundo João Reis (2012)

O carácter histórico da vila de Óbidos e a sua riqueza patrimonial funcionam como um cenário que lhe confere grande atratividade. Este cenário tem sido o palco de um ambicioso programa

de eventos de cultura e entretenimento realizados nos espaços interiores da vila ou na cerca do castelo. Esta programação e oferta mudaram a percepção da “cidade-museu” e evidenciaram uma forte capacidade de organização, bem como o envolvimento da comunidade e das associações locais (Reis, 2012, p. 204).

Devido ao contexto vivido atualmente a níveis nacional e mundial, a pandemia da Covid-19, faz todo o sentido basear a problemática da pesquisa no estudo da componente cultural e criativa da vila de Óbidos e a Covid-19.

A pergunta de partida da investigação e o principal objetivo da pesquisa é de alguma forma dar resposta a esta questão. A questão de partida é então a seguinte:

| |
|--|
| De que modos as componentes cultural e criativa da vila de Óbidos foram afetadas pela pandemia Covid-19? |
|--|

A escolha da vila de Óbidos baseou-se em dois fatores. O primeiro foi a importância cultural e criativa que da vila fazem parte. O segundo fator é mais pessoal e passa pela minha proximidade, tanto geográfica como afetiva, para com o local. Uma vez que sou oriunda do concelho vizinho, das Caldas da Rainha, e por variadas razões tenho grande familiaridade com a vila, o que também despertou um interesse profundo para o desenvolvimento da dissertação a fim de investigar um tópico ainda não estudado e permitir uma nova e distinta abordagem sobre o tema. É importante enfatizar que neste caso específico existe conhecimento pré investigação sobre a vila e conhecimento pré pandemia sobre a mesma segundo o meu conhecimento pessoal a nível informal e não científico, apenas experienciado e vivido.

O período observado situa-se entre fins de 2020 e meados de 2021, ou seja, coincide com várias fases da crise pandémica.

Objetivos da Pesquisa

Os principais objetivos do desenvolvimento da presente dissertação são baseados na questão de partida, na forma como foi formulada e as conclusões que se pretendem retirar da investigação decorrente, sendo eles:

- Desenvolver uma análise teórica sobre os conceitos fundamentais ao desenvolvimento da dissertação sendo eles: cibercultura; cultura mundo; economia cultural; políticas públicas culturais; indústrias criativas; arte participativa. Para esta investigação trabalharei as teses dos seguintes autores: Mark Banks; Pierre Lévy; Gilles Lipovetsky e Jean Serroy; António Firmino da Costa; Augusto Santos Silva; Pedro Quintela e Claudino Ferreira; Malcolm Miles; Angela McRobbie; David Hesmondhalgh; François Matarasso.
- Realizar um levantamento teórico sobre os trabalhos já desenvolvidos com temas semelhantes ao da pesquisa em curso, nomeadamente sob a análise de três dissertações de mestrado e um estudo de caso. Das autorias de: Sofia Nobre; Nuno Ferreira; Paulo Santos; e João Reis.
- Analisar a página da rede social Facebook do Município de Óbidos, para perceber o que por lá foi sendo postado sobre o Município desde o início da declaração do Estado de Emergência em 2020.
- Proceder à descrição da Câmara Municipal de Óbidos através da análise do organograma e da estrutura dos serviços camarários de modo a compreender a divisão de tarefas e de responsabilidades políticas por parte da autarquia.
- Efetuar diversas visitas à vila de modo a vivenciar e observar de forma direta a situação cultural vivida durante a pandemia.
- Entrevistar duas personalidades de entidades distintas:
 - A Chefe de Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos na pessoa de Paula Ganhão com o principal objetivo de perceber que impactos aconteceram na programação cultural e criativa da vila e o que se alterou a nível municipal, as medidas que a Câmara Municipal adotou no combate à pandemia.
 - O Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa na pessoa de Alexandre Ferreira com o principal objetivo de compreender como o principal agente cultural privado local se adaptou à crise pandémica.

- Proceder a uma aproximação direta aos trabalhadores e comerciantes da vila e entrevistá-los de modo a ter vários pontos de vista do que era a vila e do que está a acontecer, assim como compreender o impacto a nível emocional da comunidade face à situação pandémica.
- Retirar as conclusões e considerações de autor desejadas e perceber concretamente de que modo os eventos culturais da vila de Óbidos foram afetados pela pandemia.
- Captura de fotografias de modo a completar o estudo em desenvolvimento e oferecer um contacto mais visual da vila de Óbidos ao leitor desta dissertação.

Metodologia

A metodologia utilizada no desenvolvimento da presente investigação é baseada nos autores John W. Creswell (2007) e Alan Bryman (2012). De acordo com os objetivos da dissertação e o que os autores defendem, aplicarei inquérito por entrevista semiestruturada a membros de dois grupos distintos: aos responsáveis pela cultura e produção de eventos culturais da vila, nas pessoas de Paula Ganhão, chefe da subdivisão de Turismo e Cultura da Câmara Municipal de Óbidos (CMO) e de Alexandre Ferreira, administrador executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa (EMOC); e a alguns comerciantes e trabalhadores da vila contando com um conjunto de cerca de dez entrevistados, a fim de apurar as respostas pretendidas para que o estudo social possa ter sucesso, assim como diferentes pontos de vista e experiências vividas durante todo este período, fazendo uma fusão entre as áreas social, emocional e cultural de cada indivíduo.

A obtenção de resultados decorre de cinco momentos-chave para atingir os objetivos delineados, sendo eles:

- Dois momentos de pesquisa sobre a CMO:
 1. Análise da página da rede social Facebook do Município de Óbidos.
 2. Análise do Organograma da CMO.

- Três momentos de pesquisa de terreno que se realizará na vila de Óbidos:
 1. Observação direta e captação de imagens durante uma manhã, sem eventos nem nenhum acontecimento emblemático a acontecer na vila.
 2. Entrevistas semiestruturadas realizados a Paula Ganhão e a Alexandre Ferreira.
 3. Observação direta, entrevistas semiestruturadas concretizados aos comerciantes e trabalhadores da vila e captação de imagens durante uma tarde.

O corpo da dissertação organiza-se em:

- Introdução, onde são apresentados o tema, a pergunta de partida, os objetivos da pesquisa e a metodologia que será utilizada.
- Capítulo 1, onde é feita uma análise sobre o estado da arte, mais propriamente sobre a definição dos conceitos fundamentais ao desenvolvimento da pesquisa, como também a análise de dissertações e trabalhos académicos desenvolvidos com temática semelhante.
- Capítulo 2, onde é clarificada a metodologia que é aplicada para dar resposta à pergunta de partida.
- Capítulo 3, onde são apresentados os resultados da pesquisa, como a análise da página de Facebook do município, a caracterização dos serviços da Câmara Municipal de Óbidos e os resultados das visitas à vila e das entrevistas que serão realizadas.
- Conclusão, onde são analisados os resultados provenientes de toda a investigação, assim como as principais conclusões.

Estado da Arte

1.1. Cibercultura, Cultura Mundo e Economia Cultural

No início da pandemia, como hoje a conhecemos, em meados de abril de 2020, Mark Banks (2020) refletiu sobre o impacto da pandemia no panorama cultural e artístico no contexto pandémico inglês, analisando também a economia cultural de uma forma mais ampla. É possível transpor o cenário inglês e a situação lá vivida para o panorama português, uma vez que as consequências são semelhantes. Apresentando uma visão do que está a acontecer culturalmente, fala-nos de uma nova forma de expressão cultural, a cultura através da internet, do formato virtual. Pierre Lévy (1999) apresenta uma definição para este fenómeno na sua obra *Cyberculture*, a cibercultura, um conceito que define por uma cultura híbrida existente num ciberespaço que funciona de forma universal progressivamente. Lévy aborda a cibercultura como uma ameaça à cultura tradicional, precisamente pela totalidade universal que ela pode apresentar. Afirma que o ciberespaço é sistemático, labiríntico e infinito, nele tudo pode acontecer, tudo pode ser visto e revisto, não existe uma divisória clara sobre os diferentes tipos de cultura presentes na sociedade. Por outro lado, defende que devido a esta universalidade a mundialização da cultura é mais vasta e com maior facilidade de acesso. Segundo Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2010),

cultura mundo significa fim da heterogeneidade tradicional da esfera cultural e universalização da cultura mercantil, que se apodera das esferas da vida social, dos modos de existência e da quase totalidade das atividades humanas (Lipovetsky e Serroy, 2010, p. 13-14).

Ou seja, existe uma relação direta entre a ascensão de um conceito como o da cultura mundo e o da universalidade da cibercultura, Segundo Lévy “O sentido global encontra-se cada vez menos perceptível” (1999, p. 120). Lipovetsky e Serroy (2010) vão mais longe e decidem analisar as três eras marcantes da cultura mundo: a Época Clássica onde o que vigorava era a aceitação de tudo o que tinha sido deixado pelos antepassados de forma inquestionável; a Idade Moderna onde, ao contrário da anterior, tudo o que foi deixado pelos antepassados foi questionado e estudado, ficando o setor artístico regido pelas suas regras; e a Globalização, a era que atravessamos neste momento, onde todo o conhecimento é posto à prova ou controversamente aceite como certo, afirmando que

Eis-nos numa cultura pós-revolucionária e, ao mesmo tempo, hipercapitalista. O que triunfa e se difunde em todo o lado é o imaginário da competição, a cultura do mercado, que redefinem os domínios da vida social e cultural (Lipovetsky e Serroy, 2010, p. 19).

Estes autores defendem que a tecnologia e os órgãos de comunicação na ampliação da cultura mundo, têm um impacto na população mundial. Proporcionam experiências únicas e inovadoras, como por exemplo dar a conhecer tradições e costumes de outras culturas que não a nativa, viajar sem sair de casa por países e espaços diferentes do quotidiano de cada um, dar a conhecer histórias e factos curiosos de outros contextos culturais, dar a oportunidade de pequenas particularidades culturais se darem a conhecer, assim como o surgimento das forças das minorias, entre outras. Para além dos benefícios que a mundialização cultural trouxe, também se fez acompanhada de aspetos menos favoráveis. Lévy (1999) aborda dois problemas que podem surgir da cultura digital, um é a manipulação da mensagem por parte de qualquer um e o outro é a partilha online da mesma mensagem no mesmo contexto, ou seja, quase como uma totalização da veracidade da mensagem, não uma originalidade, mas uma conformidade, não despertando por vezes qualquer reação por parte de quem a interpreta. Lipovetsky e Serroy (2010) corroboram estas problemáticas afirmando que se “trata duma cultura que não é o reflexo do mundo, mas que o constrói, o engendra, o modela, o faz evoluir, e tudo isto de forma planetária” (2010, p. 16), o que pode levar a que deixemos de ser nós a criar a nossa realidade e passe a ser o contexto e a sociedade que nos rodeia a criar a nossa realidade. Utilizando uma expressão curiosa sustentam que “Os sinais de perigo foram-se multiplicando, renovando e ampliando por uma informação que tudo difunde, em direto e para os lugares mais remotos: um espirro algures e todo o planeta tosse” (2010, p. 30), como se existisse uma interdependência cultural. Os dois autores aprofundam mais esta matéria e constataam que a cultura mundo pode levar a uma homogeneização e por vezes até a uma hegemonia face a outras culturas consideradas subvalorizadas ou até mesmo desprezadas, superiorizando apenas uma ou um número específico e reduzido de culturas.

Pode não existir uma perda e um enfraquecimento culturais, passa a existir uma transformação na partilha cultural e na forma como a ela acedemos. É precisamente o que está a acontecer neste momento, não só em Portugal, mas um pouco por todo o mundo. A verdade é que durante a pandemia que estamos a atravessar tem sido a cibercultura a única forma de acesso à cultura durante os confinamentos. Quer seja através de concertos e conferências online, exposições de peças de teatro, viagens em 3D ou até mesmo sob realidade virtual por diferentes espaços, países, museus e até mesmo grandes obras de arte. Não quer dizer que antes também

não existissem, mas a dinâmica ampliou-se. A cultura entrou e entra, agora, pelas nossas casas de forma direta e incontornável, discretamente.

À semelhança da ascensão da cibercultura e dos serviços *streaming*, citando Lipovetsky e Serroy, “Chegou a época em que o espaço e o tempo de alguma forma se mundializaram: a Terra transformou-se num microuniverso que a velocidade das redes de comunicação tornou acessível em qualquer lugar, de forma quase instantânea” (2010, p. 28) não só em tempos pré-pandémicos como também em tempos pandémicos. Banks (2020) apresenta-nos outro fenómeno, a subida dos *shares* televisivos e radiofónicos, no período da pandemia pelo Covid-19 em comparação com os tempos pré-pandémicos.

A Covid-19 teve impactos em todos os sectores, incluindo o mundo cultural e as indústrias criativas, e principalmente a economia cultural. O facto de muitos projetos terem sido cancelados ou adiados, permitiu que outros surgissem e por vezes que se apoderassem do mercado cultural. Banks menciona que apesar da transformação do mercado cultural, “(...) it would not be accurate to say that C-19 has entirely destroyed the cultural economy – but it has transformed its composition and dynamics” (2020, p. 4), defende que a pandemia pode não ter sido a causa da quebra na economia cultural, mas pode ter enfatizado a fragilidade deste aspeto no setor. É normal que uma mudança drástica de dinâmica altere o funcionamento do setor e com ela surgiram algumas dificuldades desta transformação, como a adaptação de todas as partes, sejam artistas e equipa técnica, sejam os públicos, sejam entidades, privadas ou públicas, mas o autor afirma que o setor já sofria economicamente muito antes da pandemia, alegando que

Across all cultural industries, workers have reported being highly ‘stressed, sick and skint’, struggling to keep ‘heads above water’ or feeling ‘totally broken’. (...). Yet even before C-19, we might say that the UK cultural workforce was already ‘low immunity’ (Banks, 2020, p. 3).

O autor analisa a situação inglesa dividindo-a na análise dos setores: público, reafirmando a fragilidade da economia cultural e criativa, alicerçando a premissa de que o Estado já tinha procedido a cortes no financiamento público artístico, mas mesmo apesar destes cortes, alguns dos artistas profissionais puderam aceder aos poucos apoios económicos disponibilizados pelo Estado, evidenciando que o subsector cultural mais afetado economicamente foram os artistas amadores, *freelancers* e trabalhadores informais, visto que a maior parte deles não está coletado fiscalmente, afirmando que “(...) have more uncertain futures” (2020, p. 3); e privado, onde o governo tem disponibilizado apoios a produtores culturais, sob forma de redução de impostos e atribuição de fundos de inovação estratégica.

Apesar de tudo isto, o Estado tem sido largamente criticado por deixar pequenas e médias empresas irem à falência por falta de apoio.

Mark Banks (2020) é otimista em relação ao pós-pandemia, defendendo que “no doubt, once we are relieved of confinement, many jobs will return – but by no means all” (2020, p. 3). Também defende que o pós-pandemia deveria ser direcionado para a reformulação cultural dos artistas incentivando que esta recriação deveria focar-se mais na parte online e virtual,

(...) ways of circulating and distributing their work, for free or for due compensation, while also setting up a plethora of crowd-funding campaigns and systems of mutual aid for co-workers and peers (Banks, 2020, p. 4).

O autor dissecar três cenários que apresenta como possíveis conclusões a retirar deste período pandémico para a análise da economia cultural. O primeiro direcionado para a gestão governamental, refere que “governments can move quickly – and spend money – when there is sufficient need and a strong public demand” (2020, p. 4), realçando a importância das artes e da cultura e consequentemente de todos os trabalhadores que deste setor fazem parte, apesar de apontar que há setores profissionais mais importantes nestes estes tempos pandémicos, afirmando que “Cultural workers may not be regarded as essential in the current health crisis, but, as we have seen, they do bring vitality and a value of a different kind” (2020, p. 5). No segundo cenário, o autor evidencia que “we can say that the game is now up on 40 years of neoliberalism” (2020, p. 5). Com esta premissa o autor direciona-se uma vez mais para a importância da cultura e da economia cultural sustentando a tese que a cultura é essencial para a sociedade como também para a formação de cada indivíduo, defendendo que é necessário criar uma forte e consistente economia cultural para todas as ocasiões,

A funded cultural public sector and a private sector appropriately incentivised, that can offer a greater variety of models of economic organisation, including those that are more equalitarian and sustainable in character, would be another desirable outcome, and not simply as an insurance against future vulnerabilities (Banks, 2020, p. 6).

O terceiro cenário advém do pensamento segundo o qual

“C-19 has given us pause to consider what culture itself might be or become, in and beyond the immediate crisis” (2020, p. 6). Argumenta que a cultura e a arte não devem servir só como uma distração, ou como o próprio escreve “(...) professional cultural work is not a hobby or a giveaway (2020, p. 6).

Salientando que, inclusivamente, foram uma ajuda valiosa nos tempos mais incertos vividos devido à pandemia, nomeadamente para pessoas que estavam a passar por momentos mais complicados, seja a nível de problemas de saúde, situações pessoais, entre outros exemplos.

1.2. Economia Cultural e Políticas Públicas Culturais

A questão da economia cultural pode levar-nos a outros itens de investigação e aprofundamento teórico como o das políticas públicas culturais, por exemplo. O contexto de atuação das políticas públicas culturais pode ser controverso. Uma das características peculiares das medidas delineadas pelo Governo português é que funcionaram de forma nacional, mas devido à situação política portuguesa também podem ter alguma influência da União Europeia. Outra característica é efetivamente a governação política autónoma dos diferentes concelhos, que, tendo em conta as medidas desenvolvidas a nível nacional, em certos aspetos funcionam de forma completamente independente, ou seja, o local dentro do global. Estas medidas divergem muito de autarquia para autarquia, devido ao poder decisivo municipal de cada uma, e consequentemente dos consecutivos presidentes camarários que se vão alterando ao longo do tempo, assim como as necessidades dos respetivos habitantes que se podem modificar com o passar dos anos.

António Firmino da Costa (1997) aborda o tema das políticas culturais. Inspirou-se e analisou as posições de dois sociólogos, José Madureira Pinto e Augusto Santos Silva (2007). Augusto Santos Silva aborda tópicos pertinentes sobre políticas públicas culturais corroborados pelos ideais de Firmino da Costa.

Um dos aspetos primeiramente mencionados pelos dois autores, é a escassez de estudos. Firmino da Costa refere que “Curiosamente, neste segundo sentido os trabalhos são em muito menor número” (1997, p. 10), referente aos “(...) contributos sociológicos para a análise das políticas culturais propriamente ditas, enquanto objeto de estudo específico” (1997, p. 10). Defende que a cultura e o poder são a base para o desenvolvimento das ciências sociais e focos fundamentais para a organização das sociedades e dos respetivos processos. Apesar da carência evidente de estudos desenvolvidos, o autor afirma que “O Conselho da Europa e a UNESCO foram provavelmente as duas principais organizações responsáveis pelo desenvolvimento,

desde os anos 60, não só de políticas culturais, mas também de conceitos que as informam” (1997, p. 13).

Augusto Santos Silva, começando por evidenciar a escassez de estudos, como anteriormente referido, sobre áreas não metropolitanas como as grandes cidades do Porto e de Lisboa, demarca a análise das políticas públicas culturais dividindo-as em duas fases: a primeira de 1974/76 a 1986 (pós-ditadura salazarista) onde comprova a rutura mencionada anteriormente entre o poder político local e o nacional, indicando o tipo de cultura que se manteve após as primeiras eleições autárquicas de 1976, afirmando que

à qual apenas sobreviveram certas manifestações de cultura festiva e recreativa popular, como os grupos folclóricos e as bandas de música, ou estruturas de formação alternativa e resistência ao regime ditatorial, como o cineclubismo ou o teatro independente, mesmo assim, umas e outras, profundamente transformadas (Santos Silva, 2007, p. 12).

E uma segunda fase de 1986 a 2006 (após a entrada de Portugal na CEE, atual EU e até à escrita do artigo publicado). Elabora 3 razões positivas sobre a entrada de Portugal na CEE em relação às políticas culturais nacionais, sendo elas

as novas possibilidades abertas pela integração, quer no plano do financiamento, quer no plano da conceção e desenvolvimento de projetos, ajudaram enormemente as autarquias a globalizarem a sua intervenção e, nomeadamente, a superarem a política inicial de concentração nas infraestruturas físicas ligadas à satisfação de necessidades coletivas básicas; a intensificação do investimento nacional em redes de estruturação da vida cultural ao longo do território (e, desde logo, a partir de 1987, na rede nacional de bibliotecas públicas) tipicamente solicitou os poderes locais para o mesmo processo de alargamento de ação e recursos; e as mudanças nas práticas culturais modificaram gradualmente o perfil da procura local de eventos de cultura e lazer e abriram concomitantemente novas oportunidades, novos públicos (Santos Silva, 2007, p. 12).

Apesar de o autor enfatizar o papel central das Câmaras Municipais no que toca a ação cultural e às decisões políticas culturais que executam, defendendo que o discurso cultural deva ir além partidos aquando das tomadas de decisões políticas. Argumento também defendido por Firmino da Costa, afirmando que

(...) o campo das políticas culturais. Elas são criadas ou extintas, amplificadas ou restringidas, continuadas ou modificadas consoante tomadas de posição a este respeito que se vão sucedendo, tomadas de posição essas sempre controversas no plano cultural e no plano político (Firmino da Costa, 1997, p. 11).

Santos Silva menciona também que por vezes as juntas de freguesia das respetivas Câmaras não detêm ou têm muito pouca autonomia para tomarem as próprias decisões culturais

afirmando que é importante manter as respetivas tradições e costumes e que a ideologia autárquica não deve sobrepor-se a estas, sendo que por sua vez os municípios muitas das vezes são parceiros dos variados governos, logo também certas decisões não dependem exclusivamente apenas deles. Apresenta 3 características relacionadas com o poder local, corroboradas também por outros autores como Juan Mozzicafreddo e Fernando Ruivo. Citando Santos Silva, a 3 características são

o *consensualismo*, que, invocando interesses concelhios supostamente evidentes e, portanto, imunes à divergência de opinião, tende a despolitizar a ação camarária, apresentando-a como uma espécie de emanção necessária da vontade comunitária; o *presidencialismo*, que confere um poder reforçado ao presidente de câmara na construção e gestão das redes sociais e na definição de finalidades e procedimentos; e a *formulação de prioridades em patamares*, constituindo a infraestruturação do território o primeiro e principal, vindo depois a economia, o apoio social, a educação básica e só depois a cultura e o lazer (Santos Silva, 2007, p. 13).

O autor defende a democratização cultural, afirmando que

(...) como generalização do acesso gratuito a equipamentos e eventos culturais, a hipervalorização do associativismo local, como protagonista dos processos de criação e receção artísticas, a reivindicação de competências e recursos, como condição necessária e suficiente para a alavancagem da vida cultural local, e a definição da cultura como uma oportunidade maior para a legitimação social dos executivos e a projeção supralocal dos territórios (Santos Silva, 2007, p. 13).

De modo a atender às necessidades dos respetivos habitantes de cada concelho e é importante investir nesta área e proporcionar e disponibilizar oportunidades culturais à população.

Augusto Santos Silva faz uma análise mais profunda dos estudos realizados pelo OAC (Observatório das Atividades Culturais) sobre o concelho de Cascais e da forma como o município trabalha a nível cultural, retirando 4 pilares da respetiva investigação, afirmando que o exemplo do município de Cascais, poderia servir como exemplo base para as restantes autarquias nacionais. Esses pilares são

Descentralização, ou seja, extensão a vários polos do concelho de estruturas e atividades e envolvimento das freguesias no processo cultural; *equipamento*, isto é, dotação do território municipal com estabelecimentos públicos de cultura e lazer; (...) *formação de públicos*, com vista à sua fidelização e ao seu alargamento, com enfoque na população juvenil e escolar; e *aposta nos eventos distintivos*, que projetem os valores locais (Santos Silva, 2007, p. 15).

Enfatizando que esta investigação foi desenvolvida durante 4 anos onde existiu uma alteração de presidência e de partido político, e que mesmo assim na Câmara Municipal de

Cascais houve uma continuidade das medidas culturais outrora decididas, independentemente da liderança política.

A par da hipótese retirada previamente, o autor também conclui que as medidas autárquicas tomadas vão ao encontro “(...) das que são definidas e postas em prática pelos governos nacionais e, em particular, pelos sucessivos responsáveis da pasta da Cultura” (2007, p. 15). Em simultâneo a esta conclusão, surge outra que “(...) diz respeito à diferenciação dos responsáveis políticos e técnicos municipais pelo pelouro cultural” (2007, p. 16). O perfil sociólogo e o carácter dos responsáveis das áreas culturais dos diferentes municípios também marca uma diferença na abordagem que fazem às políticas culturais e ao desenvolvimento cultural de cada região. Santos Silva delinea uma breve viagem psíquica e psicológica dos diferentes responsáveis com cargos de poder¹.

À semelhança da análise e menção do exemplo do Concelho de Cascais sobre políticas culturais, Santos Silva expõem outro exemplo, neste caso uma vila, a vila de Mértola. Enfatizando a falta de estudos sobre o que realmente levou a que a vila fosse pioneira, no final dos anos 70. Afirmando que

Ação autárquica privilegiou imediatamente o domínio cultural e projetou uma representação de Mértola como “vila-museu”, em si mesma, sítio patrimonial e testemunho da pujança e influência da civilização árabe e do seu encontro com a Europa. A cultura tornava-se, pois, numa forma particularmente expressiva de marcar a identidade coletiva local, tecida na espessura histórica e como lugar de cruzamentos, e de afirmá-la como recurso próprio e valor singular no contexto nacional (Santos Silva, 2007, p. 17).

O autor evidencia mais três exemplos: o concelho de Évora, na área arqueológica; o município de Loures, na área do desenvolvimento cultural e comunitário como meio de integração e coesão social; e Santa Maria da Feira, na área das artes performativas e indústrias culturais, nomeadamente com a realização anual de uma feira medieval que transforma toda a cidade numa viagem medieval. Também a cidade do Porto foi alvo de análise por parte de Augusto Santos Silva, neste caso de forma mais aprofundada, uma vez que é um exemplo onde a mudança de presidência camarária, alterou toda a dinâmica cultural. Nomeadamente entre a vereação da pasta da Animação, cultura e turismo, de Manuela Melo, desde 1989 a 2001, sob

¹ “Os estudos de caso disponíveis vêm sugerindo uma diferenciação segundo o género, a geração, a qualificação académica e a condição socioprofissional que seria errado, a meu ver, desprezar. Tanto quanto se possa falar de uma tendência geral, dir-se-á que é maior nas áreas sociais, em sentido lato (isto é, cultura, educação e ação social), do que nas restantes a probabilidade de os vereadores serem mulheres, jovens ou jovens-adultos, habilitados com cursos superiores e pertencentes às famílias de profissões intelectuais, com larga predominância dos professores. (...) mostram bem, na minha perspetiva, a importância, que bem poderá ser crescente, daquele fator de variação das políticas culturais locais.”, (2007, p. 16).

presidências de Fernando Gomes e Nuno Cardoso, a cidade do Porto assistiu a uma implementação e continuação política benéfica ao desenvolvimento cultural e a presidência de Rui Rio a partir de 2001. Citando o autor

(...) desde 2001, mas com particular intensidade política desde 2005, a relação face à cultura e ao meio cultural constituiu um terreno onde o novo presidente de câmara, Rui Rio, (...) quis marcar uma diferença intransponível com os seus antecessores e imprimir uma das marcas de água do seu projeto político, urbano e nacional (Santos Silva, 2007, p. 18).

José Madureira Pinto, um dos consultores de Manuela Melo, refere “três princípios estratégicos de política cultural”², de algumas decisões políticas culturais que foram colocadas em prática. É neste contexto que surge uma nova forma de ver a cultura, a cultura como serviço público, associando também diversos parceiros de todos os campos culturais, como as várias associações socio recreativas e culturais das diferentes freguesias do concelho, por exemplo, como o autor alude “(...) a participação das associações é vital para a quase totalidade das políticas municipais” (2007, p. 26), valorizando também o património local cultural aproveitando-o ao máximo como dinamização da cidade, nacional e internacionalmente.

Apesar do carácter global das políticas públicas nacionais, é fundamental que as políticas culturais autárquicas vão ao encontro das necessidades de cada região. Como Santos Silva defende, têm sido as autarquias que têm proporcionado um desenvolvimento cultural mais acessível a todos, “Aproveitando o acesso a fundos nacionais ou europeus e mesmo desviando para aí alguns dos recursos próprios do orçamento municipal, (...)” (2007, p. 24), através do padrão de intervenção autárquica que passa por 6 vertentes:

1) investimento na construção de espaços culturais;

2) concretização com maior eficácia e em menor espaço temporal de projetos idealizados, “Conjugados estes dois traços, ressalta o papel dos municípios: na sua larguíssima maioria eles são menos produtores de políticas culturais do que recetáculos e aplicadores de estratégias exógenas, designadamente as políticas europeias e nacionais para a cultura” (2007, p. 25);

² “Primeiro princípio: Criar e/ou salvaguardar infraestruturas básicas especializadas e promover estímulos duráveis à criação e criatividade culturais em todos os espaços sociais e sob todas as formas em que elas podem desenvolver-se, desde o polo mais institucionalizado e elaborado da cultura “erudita” até ao polo oposto da simples afirmação espontânea de um conjunto de competências simbólico-comunicacionais; Segundo princípio: (...) alargamento de público, (...) democratização da esfera da produção cultural; Terceiro princípio: Procurar, através do apoio ao associativismo e da multiplicação de estímulos culturais mobilizadores de energias comunicacionais e da participação dos cidadãos, que o tempo de não-trabalho e as atividades de lazer contribuam.”, (2007, p. 19).

3) o incentivo e o cultivo cultural do público,

no acesso das populações aos bens culturais vem sendo uma preocupação largamente dominante, em câmaras municipais de diferente coloração política; e, tipicamente, a abordagem faz-se, não do lado da produção e legitimação das criações, mas sim do lado das condições da sua receção — não do lado do “fazer cultura”, mas sim do lado do ‘aceder à cultura’ (Santos Silva, 2007, p. 25);

4) a importância do público escolar, para o qual são desenvolvidos programas culturais dinamizados e únicos, e do meio associativo, a primeira geração “porque são geradoras e organizadoras de grande parte dos eventos, (...)” e a segunda geração “porque são depositárias de tradições, (...)” (2007, p. 26);

5) a valorização das tradições culturais³;

6) em concordância com a vertente anterior, passa pela projeção através da introspeção, “da necessidade, não menos premente do que a viragem da comunidade para “dentro” de si mesma (para o seu passado, património, território, círculos de sociabilidade, usos, emblemas...), a necessidade, dizia, de se projetar para fora, regional, nacional ou internacionalmente” (2007, p. 26).

A par do padrão de intervenção autárquica surgem segundo o autor, 5 questões pertinentes à continuação do desenvolvimento dos vários estudos sobre esta temática. A primeira refere-se à *diversidade*, ou seja, a relação entre a autarquia e a comunidade local, onde também é referida a relação entre as diferentes faixas etárias dentro da mesma comunidade, citando o autor

(...) as demandas dos grupos juvenis, mais ou menos escolarizados e muito expostos à cultura de massas, são bastante diferentes, e até mesmo antagónicas, das populações adultas e, designadamente, das frações envelhecidas; e coisa análoga se diga, nos casos aplicáveis, das tensões entre procuras urbanas, periurbanas (ou suburbanas) e rurais, ou da emergência, num número crescente de cidades, de uma procura autónoma de grupos de média ou elevada qualificação profissional e académica (Santos Silva, 2007, p. 28).

³ “Falo como sociólogo, de tradições que são continuamente re/criadas, no processo de ‘invenção social’ hoje suficientemente conhecido (cf. Hobsbawm, 1983; Silva, 1994). Mas a dimensão identitária, definindo símbolos e emblemas comunitários (Fortuna e Peixoto, 2002), a dimensão festiva, nomeadamente estival, e a dimensão socializadora, envolvendo ao rés-do-chão dos quadros de interação uma constante dialética entre identidade e ação (Costa, 1999), constituem, em si mesmas, na mais pequena freguesia ou num concelho relativamente urbanizado e de médio porte demográfico, uma espécie de denominador comum sobre o qual a generalidade das políticas locais alicerça o seu fundamento social. Por isso, uma parte considerável da atividade cultural municipal tem por objeto lidar com as tradições identitárias e festivas, uma operação tanto mais complexa quanto estas identidades são sempre dinâmicas, abertas e polissémicas.”, (2007, p. 26).

A segunda questão refere-se à *atualidade*, onde surge a binómio novo vs. velho, o antigo integrado no moderno, segundo Santos Silva

Se há eixo estruturante do discurso local sobre a cultura, é a celebração da identidade e do modo de ser tradicional, ancorados no passado e na memória e recriados como património, em particular imaterial. Como compatibilizar este eixo com a não menor pressão no sentido de se manterem em linha com a modernidade brandida pela generalidade dos protagonistas do campo cultural nacional e europeu, sejam eles políticos, profissionais ou artistas, eis outro problema crescente dos autarcas (Santos Silva, 2007, p. 28).

A terceira questão debruça-se sobre a *dimensão*, de que modo existe uma correlação e interajuda entre os diferentes municípios para um desenvolvimento cultural geral, segundo o autor

Observámos como um dos traços mais salientes do panorama português a quase completa concentração na escala municipal, sem desenvolvimentos minimamente relevantes em termos de cooperação intermunicipal ou de organização supramunicipal (Santos Silva, 2007, p. 28).

A quarta questão trata a *continuidade*, neste caso, vai encontro do que foi mencionado anteriormente, da continuidade das tomadas de decisão por parte de órgãos e cargos de poder além partidos⁴ a todos os níveis da continuidade cultural. A quinta questão advém do *impacto* que se revê, segundo Augusto Santos Silva

O impacto para além da obra física, ou dos números da despesa realizada, ou dos benefícios eleitorais, todos variáveis críticas, longe de mim negá-lo. Desde logo, porém, a atenção aos efeitos sociais duradouros, às transformações ocorridas em fatores estruturais, e à sua avaliação, como elementos necessários do desenho e realização de políticas públicas. Depois, a incorporação, nestas, dos resultados das observações analíticas e das avaliações, quanto às condições para o impacto social (...) (Santos Silva, 2007, p. 29).

O artigo termina com um apelo por parte do autor à necessidade de enfoque na investigação sobre políticas culturais, de esmiuçamento do assunto, ou seja, as políticas culturais de cada localidade colocadas em prática naquela específica localidade.

⁴ “A gestão e atividade do equipamento, depois de construído ou remodelado e inaugurado; a formação duradoura dos públicos, mais além da multiplicação das ações de sensibilização, em si mesmas proveitosas, mas de efeitos limitados; a concretização de uma oferta regular, suficientemente estruturada e diversificada, não necessariamente em alternativa mas também não subsumível na lógica dos eventos extraordinários; a contratualização de parcerias ativas, e de obrigações e benefícios recíprocos, entre autoridades públicas e agentes culturais, num horizonte temporal e numa relação de implicação qualitativamente diferentes do mero “apoio” circunstancial — estes e análogos desafios interpelam diretamente os traços mais marcantes do consenso político atual sobre a ação cultural autárquica.”, (2007, p. 28).

1.3. Indústrias Criativas

Em concordância com a escassez de estudos sobre os conceitos abordados nos subcapítulos anteriores, também o conceito de indústrias criativas sofreu deste problema desde a necessidade de criação do termo até à forma como nos hoje é apresentado pela sua definição. Um dos pontos a realçar é que o desenvolvimento das indústrias criativas está intrinsecamente relacionado com o desenvolvimento e transformação da urbe, enquanto área cultural e criativa. Como Pedro Quintela e Claudino Ferreira (2018) evidenciam

Frequentemente, as atividades artísticas e culturais desempenham um papel decisivo nos processos de intervenção urbana (reabilitação urbana, modernização do tecido comercial nos centros das cidades, requalificação de frente de rio e mar) (Quintela e Ferreira, 2018, p. 93).

Uma das características mais abrangentes da tentativa das indústrias criativas de reabilitação urbanística é a transformação de espaços outrora considerados marginalizados, em sítios de crescente afluxo cultural e artístico.

Malcolm Miles (2012) aborda este tópico de discussão. Remetendo o seu estudo para a história do termo indústrias criativas, elabora uma viagem temporal desde o século XIX até aos dias de hoje. Começa por contextualizar, nos anos 80, a necessidade de voltar a enfatizar o setor cultural e artístico em oposição ao que estava a ser vivido ao longo do século XX com a era da industrialização ainda como consequência do século anterior, afirmando que

A reabilitação de base cultural permitiria resolver um leque de problemas urbanos associados à desindustrialização. À medida que a produção industrial era transferida para os países do Sul global, o desemprego aumentava no Norte global, as fábricas eram abandonadas e os centros urbanos entravam em decadência (Miles, 2012, p. 9).

Segundo Quintela e Ferreira (2018), e com base no contexto inglês, a primeira definição de indústrias criativas surge em 1998 por parte do *Department for Culture, Media and Sport* criado por Tony Blair, o primeiro-ministro britânico da época. Também Angela McRobbie (2011) fortalece a teoria de Quintela e Ferreira sobre a importância política de Tony Blair no panorama cultural inglês na entrada do milénio destacando que “Such a positioning allows us both to focus on its character and function and to acknowledge that the politics of arts and culture for the present government will be something very different” (2011, p. 32). McRobbie apresenta quatro características que o departamento cultural inglês tentou implementar desde aproximadamente 1998, são elas:

A democratização da cultura, disponibilizando o acesso à cultura por parte de todos, mencionando que

The extension of this capacity of creativity across the whole population has the air of justice, equality, fairness and democracy, especially when it is linked as it is with terms like ‘access’ and ‘equality of opportunity’ to the arts and culture so that they are no longer the preserves of the elite (McRobbie, 2011, p. 32).

A criação de um novo programa cultural e criativo, defendendo que é importante apoiar a criatividade do setor mais jovem apontando que “But this kind of creative programme is also a way of laying the groundwork for the transformation of work, first for the few, then possibly for the many” (2011, p. 32), de modo a que consigam viver da sua arte, acrescentando que “...that in work, the person is called upon to be unique, and as a result this means pursuing jobs which appear to be more attractive, even if they have no rights and require long hours” (2011, p. 32), exemplificando que “Many of the creatives find themselves earning the bulk of their income from the second job which if they are lucky is a part time public sector job, maybe even in a Job Centre” (2011, p. 32).

O incentivo ao empreendedorismo juvenil apoiando e promovendo o talento individual, a autora consolida que

This tilt to creativity is of course positive in that it does indeed expand the opportunities for many young people in fields of great interest, e.g. visual arts, media, design, popular music, performance studies, etc. (McRobbie, 2011, p. 32).

Proporcionar a oportunidade de criar novos postos de emprego cultural e criativo e apresentar melhores condições laborais para que os artistas não tenham de trabalhar em outros empregos pouco a haver com o setor criativo e a serem pouco reconhecidos a nível salarial, McRobbie explica que “Even more significant is the way in which the thin-spread of creative work functions to disguise the normalisation of under-employment” (2011, p. 33).

Estas características que McRobbie menciona, não tiveram uma durabilidade até aos dias de hoje e por essa razão a autora, em panorama atual apresenta uma solução para que o setor cultural e criativo inglês seja mais valorizando, como foi no tempo de Tony Blair, defendendo que “I am not proposing we go back in time, but that we develop a stronger critique of the limits of self-reliance and its obvious psycho-pathologies in the creative and social sectors” (2011, p. 33).

Alicerçada à necessidade de regressar à promoção do setor cultural e criativo que Miles e McRobbie expõem ao longo dos seus textos, também David Hesmondhalgh (2008) corrobora esta ideia mencionado que “These policy development have meant that in recente years there has been a rising tide of academic interest in creativity and the creative industries” (2008, p. 560). A par destes três autores, também Quintela e Ferreira aludem esta necessidade, não só especificamente no cenário inglês, mas também embelezando-a a nível europeu com medidas políticas culturais europeias que foram surgindo a partir do início do século XXI, evidenciando que as indústrias culturais e criativas detêm um papel importante no contexto social, afirmando que surge “Um novo discurso europeu em torno das indústrias criativas, que determina uma profunda mudança das políticas culturais da U.E.” (2018, p. 91), apontando também para o panorama português. Quintela e Ferreira apresentam, nas respetivas reflexões finais, um discurso crítico face ao que estava a acontecer em território nacional, expõem quatro críticas.

A primeira baseia-se na utilização de modelos externo que por vezes podem não coincidir com a realidade vivida em situações específicas, mencionam que

A emergência em Portugal do debate em torno do potencial económico das indústrias criativas insere-se, como procurámos demonstrar, num contexto caracterizado por uma certa euforia internacional em torno desta temática que, inevitavelmente, acabou por também contagiar o país com o ‘vírus da criatividade’ (Quintela e Ferreira, 2018, p. 101).

A segunda crítica apoia-se na falta de investigação de resultados do investimento político nas indústrias criativas portuguesas, afirmam que “Estão igualmente por avaliar os resultados do investimento público feito, ao longo dos últimos anos, na promoção e fomento das indústrias criativas em Portugal” (2018, p. 102) e que “Os novos equipamentos e infraestruturas devem ambicionar uma maior articulação com os agentes e infraestruturas culturais e artísticas já existentes nos territórios” (2018, p. 103).

A terceira crítica debruça-se sobre a formação e qualificação culturais profissionais, os autores evidenciam que “... importa reconhecer que ainda persistem fragilidades e desafios ao nível do ensino e formação” (2018, p. 103).

A última crítica fundamenta-se na ênfase económica em prol das indústrias criativas argumentando que

Um último aspeto prende-se com a ambiguidade e o cariz vincadamente instrumental do discurso que encontramos nalguns dos mais recentes documentos de estratégia e orientação política para o SCC (Setor Cultural e Criativo) em Portugal (Quintela e Ferreira, 2018, p. 104).

Acrescentam que “Assumem relevância as atividades culturais e criativas que contribuam, de forma direta, para a geração de riqueza económica” (2018, p. 104).

Agregado ao êxodo urbano que Miles (2012) evidencia, surge, como o autor afirma “A cidade cultural (ou criativa), baseada numa economia cultural, que começou a tomar o lugar da cidade da produção material e das instituições públicas” (2012, p. 9), com a entrada de novos habitantes citadinos, nomeadamente artistas e intelectuais, que ao renovarem as fábricas e edifícios degradados em espaços culturais, “...como museus ou centros de informação e média” (2012, p. 9), por exemplo, começaram a ser vistos “...como um motor da transformação urbana” (2012, p. 10), acrescentando que “A classe criativa não se define apenas por ter interesses de lazer comuns, mas também pelo papel fundamental que desempenha como motor do processo de crescimento urbano” (2012, p. 12) e que “A cidade cultural aloja a classe criativa num ambiente de afluência e aparato. É uma cidade de exibição” (2012, p. 17). McRobbie (2011) também alude para esta faceta artística, ao serviço social e comunitário que muitos artistas estão a desenvolver em diversos espaços públicos, mencionando que “Already many artists and creative people are working in communities and on social projects” (2011, p. 33). Miles (2012) defende que a arte começou a sair dos lugares tradicionais e expande-se para a cidade, “A prática de expor a arte em espaços diferentes da tradicional galeria ou museu levou à expansão do mercado artístico” (2012, p. 18), mencionando o aparecimento da cultura híbrida, citando que

Se as culturas estão permanentemente a evoluir e, num mundo de migrações, a tornar-se híbridas, as cidades constituem-se como locais essenciais de negociação cultural e de contestação dos direitos ao espaço e à visibilidade (Miles, 2012, p. 23).

É sob este panorama que o autor aborda, de forma ligeira, as estratégias urbanas como meio para a reentrada da arte e das indústrias criativas no contexto social citadino. Evidencia o carácter económico desta transformação, que pode levar a que a cidade se torne uma marca artística cultural produtora e promotora, mas para isso precisa de apoios financeiros apontando que “Em consequência, a configuração futura das cidades depende cada vez mais do setor privado ou de parcerias público-privadas no âmbito de uma lógica de mercado” (2012, p. 10). Quintela e Ferreira (2018) corroboram esta premissa afirmando que

Neste contexto, afirma-se um novo entendimento acerca da relevância do investimento público em cultura, fundado na ideia de que as artes, a cultura e as indústrias culturais constituem elementos importantes para a revitalização de cidades e regiões deprimidas ou em declínio socioeconómico (Quintela e Ferreira, 2018, p. 90).

À semelhança dos novos habitantes da cidade criativa, surgem também novos públicos, como Miles (2012) indica

O colecionador de arte pode imaginar-se um príncipe da Renascença, a viver no seu condomínio privado e a trabalhar na sua cintilante fortaleza empresarial de vidro e aço, observando a paisagem urbana apenas através dos vidros do seu automóvel. (...) Não inclui apenas profissionais da comunicação social e designers de moda, mas também, citando Paul Fussell, quem é atraído para as cidades pela possibilidade de experiências criativas (Miles, 2012, p. 11).

Para além da nova população que chega às cidades criativas, o autor também alude para o desenvolvimento económico que se gera em torno destes locais, referindo que

(...) são as aldeias urbanas e os locais de consumo associados a estilos de vida específicos que definem o espaço. Quando se criam novos espaços públicos, são rodeados de bares e cafés, onde todos os lugares são para consumidores (Miles, 2012, p. 14).

Aliada à menção de todos os pontos positivos apresentados, o autor apresenta três críticas ao desenvolvimento repentino das áreas periféricas das cidades criativas⁵. A primeira baseia-se no desenvolvimento de novos projetos culturais, que segundo Miles, deveria ser planeado e estruturado, não fazendo uso indevido do património e de outros recursos existentes, por exemplo. A segunda crítica mencionada pelo autor surge sob o que considera um descuido na execução de planos culturais e artísticos para o desenvolvimento de uma cidade criativa ao nível social, como se não existisse uma preocupação social, não existe uma investigação idealizada, através dos indivíduos que habitam nestes lugares, apresentando como um dos exemplos a cidade de Barcelona, Espanha, ainda no final do século XX e das medidas autárquicas culturais decididas na época. Outro dos exemplos foram os bairros que foram reestruturados, e os habitantes tiveram de mudar de habitação, nomeadamente o bairro de Heygate, Inglaterra, mencionado por Miles, que parafraseia a afirmação de um dos indivíduos que teve de mudar de morada, “Nós somos o tipo de pessoa errada para o código postal certo. [...] Vivemos num pedaço de terra que vale ouro. Eles nunca, nem por um minuto, pensaram em nós como seres humanos” (2012, p. 25), acrescentando que

⁵ “A ambição de muitos desses projetos envolvendo instituições e zonas culturais emblemáticas é atrair o turismo cultural, que explora a arte e o património de forma a incentivar profissionais e empresários a visitar a cidade durante um fim de semana ou a prolongar a sua estadia após uma convenção de negócios ou um congresso, estimulando, assim, a atividade económica em hotéis, restaurantes, boutiques e lojas de museus. Tudo isto cria emprego, mas o impacto não é tão positivo como poderia parecer, porque muito desse emprego é não qualificado, de baixa remuneração e a tempo parcial, em serviços de restauração e segurança (Loftman e Nevin, 1998).”, (Miles, 2012, p. 15).

Após o colapso financeiro, a indústria da regeneração passou a ser uma ameaça para as comunidades, pois os bairros sociais situados em locais de grande valor potencial são regenerados por empresas imobiliárias do setor privado com a intenção de os reclassificar, expulsando os habitantes remanescentes (Miles, 2012, p. 24).

A terceira crítica é, segundo Miles, a mercantilização da arte, desenvolvendo uma concorrência, que a nível artístico nem sempre é benéfica, evidenciando que “Esta transformação criou emprego em instituições e agências artísticas, mas trouxe a concorrência para um meio onde anteriormente existia uma livre partilha de ideias.”, (2012, p. 18) enfatizando ainda que

A esperança que em tempos caracterizou o modernismo está enterrada bem fundo nos buracos que agora ocupam os centros urbanos; e esses buracos não foram provocados pelos bombardeamentos, como aconteceu na década de 1940, mas pelos excessos desmesurados do capitalismo (Miles, 2012, p. 22).

À semelhança do ponto de vista defendido por Miles que termina de forma negativista em relação ao reaparecimento da cultura e da arte nas cidades, daí o título do artigo ser uma interrogação, apurando as consequências da transformação da cidade habitacional para a cidade criativa, também McRobbie termina o seu artigo pedindo para que haja um cuidado e uma atenção redobrada para a revitalização urbana através da arte, e mais uma vez fortalece a ideia de que a arte pode estar ao serviço da comunidade, afirmando que

(...) it does not take such a huge step of imagination to see how the downtime could become a space for developing radical strategies for social-co-operation, for better care of children and young people, for better provision of care and attention to disadvantaged populations, including the elderly for renewing civic society and for urban and environmental improvement. This would not be about volunteering but about a new injection of hope in the not-for-profit sector (McRobbie, 2011, p. 33).

Uma das formas de desenvolver a arte comunitária, voluntária e inclusiva seria como exemplo o que Hesmondhalgh menciona

In the UK, for example, funding for the ‘fine arts’ was gradually expanded to the arts, and then include traditional crafts such as pottery and ‘folk’ arts. In the 1970s, where ‘community arts’ movements, and in the 1980s na increasing emphasis on multiculturalism (2008, p. 554-555).

Esta evidência pode remeter-nos para o que chamamos atualmente de arte participativa. Segundo François Matarasso (2019), a arte participativa desafia-nos na busca do significado de arte e como classificá-la, já desde a segunda metade do século XX. Cada vez mais o acesso à cultura é mais fácil e a necessidade de criação de um tipo de arte que permitisse este maior alcance e abrangência foi imprescindível. A arte participativa promove a participação na

construção e transformação do objeto artístico. A arte participativa salienta o ato de participar o que pressupõem que já exista um objeto artístico pronto a ser recriado. O autor afirma que “Um trabalho artístico proporciona um encontro entre o criador, que o produziu, e o recriador, que responde criativamente ao que lhe é apresentado” (2019, p. 41). O espetador passa de mero público a participante, e fundamental elemento na criação artística. O foco do resultado final da criação passa do artista para o processo do participante, a sua criatividade e liberdade de criação é essencial para que este se converta ele mesmo num artista. Matarasso aborda o ponto da economia criativa como uma alavanca para a propagação da arte participativa, que necessita de apoios financeiros e medidas políticas disponibilizados por parte de instituições culturais afirmando que

Os artistas profissionais que produzem arte participativa irão continuar a enfrentar riscos e fardos desnecessários até que as instituições que os contratam aceitem tomar uma maior responsabilidade pelo apoio que lhes prestam, a si e à dimensão ética e interpessoal da sua prática (Matarasso, 2019, p. 134).

1.4. Análise de investigações já realizadas

Relativamente a outras investigações desenvolvidas anteriormente por outros autores sobre o tema semelhante à investigação que está a ser elaborada, existem três dissertações de mestrado e um estudo de caso para análise. Por ordem cronológica.

Surge a dissertação de Sofia Nobre (2010), onde muito resumidamente é abordada a importância do turismo e do desenvolvimento do turismo cultural no concelho de Óbidos, que medidas foram tomadas por parte da autarquia e que influência estas detiveram sob certos eventos culturais. Um dos eventos serviu como Estudo de Caso, o “Óbidos Vila Natal”, onde Nobre retirou diversas conclusões através da realização de um método quantitativo extensivo por inquérito por questionário.

A segunda dissertação pertence a Nuno Ferreira (2011). O autor começa por analisar o potencial que Óbidos representa a níveis geográfico, paisagístico e de património cultural e arquitetónico. Desenvolve uma análise quantitativa utilizando dados estatísticos de fontes oficiais, como a Câmara Municipal de Óbidos e o Instituto Nacional de Estatística, estudando assim o número de turistas por ano na Vila e o impacto que este número detém na economia e comunidade da localidade, enfatizando o crescimento do número de hotéis, resorts e estalagens,

por exemplo. Também realiza uma análise SWOT sobre Óbidos e retira algumas conclusões dessa análise.

A última dissertação da autoria de Paulo Santos (2011), é uma dissertação com informação detalhada e pormenorizada, visto que inicia a sua pesquisa nos anos 70, mas mesmo assim contém muita informação sobre turismo, sendo esta a questão central. A nível metodológico realizou várias entrevistas e participou numa visita guiada turística pela Vila a fim de poder aferir que impacto o turismo e os diversos eventos detém no concelho de Óbidos. Outra característica desta dissertação é o valor que o autor atribuiu à fotografia e utiliza a fotografia também como fonte de recolha de informação. Santos enfatiza a posição geográfica de Óbidos como um aspeto relevante e um fator impactante para o seu desenvolvimento afirmando que

Uma das grandes vantagens que Óbidos tem relativamente a outros destinos turísticos, e possivelmente o fator que mais influenciará o turismo nesta vila, será o da sua particular localização (Santos, 2011, p. 45).

O estudo de caso desenvolvido por João Reis (2012) sobre Óbidos, mencionado na introdução, relata uma viagem pelos primeiros 12 anos do século XX por Óbidos referindo que

A última década foi para Óbidos um tempo de realização de um vasto conjunto de iniciativas que tentaram inverter o ciclo de envelhecimento e diminuição da população residente e encetaram uma dinâmica de empreendedorismo na área das indústrias criativas (Reis, 2012, p. 207).

E todos os aspetos inerentes ao concelho, nomeadamente sobre o surgimento e crescimento dos eventos culturais que acontecem na vila. Um dos aspetos chave que Reis nos apresenta as potencialidades de Óbidos evidenciando que

O município de Óbidos disfruta de um de um conjunto de amenidades naturais e histórico-culturais geradoras dos fluxos turísticos que estão na base da economia local. (...) A posição geográfica privilegiada de Óbidos viu a sua centralidade reforçada com a abertura, em 1998, da autoestrada do Oeste (A8: entre Lisboa/Loures e Leiria/Figueira da Foz) e mais tarde também com a abertura, em 2001, da A15 (Caldas da Rainha/Santarém) (Reis, 2012, p. 198).

Reis menciona que “A organização de eventos públicos que atraem um número significativo de visitantes e turistas para a cidade histórica, constitui a parte mais visível da ação da autarquia ao longo da última década” (2012, 199), associando o crescimento da importância de Óbidos “O município de Óbidos constitui um exemplo de sucesso da intervenção das políticas públicas no desenvolvimento socioeconómico em territórios de baixa densidade” (2012, p. 207), ao papel do presidente da Câmara Municipal eleito em 2001 “A projeção

mediática do município surge frequentemente ligada à entrada em cena do autarca Telmo Faria” (2012, p. 199). O autor defende que “A criatividade foi assumida como o eixo da estratégia de desenvolvimento do município” (2012, p. 201), acrescentando que

As atividades de suporte dos eventos quer culturais quer de entretenimento funcionaram como alavanca para criar equipas técnicas em domínios como a cenografia, os figurinos, a representação e as artes plásticas (Reis, 2012, p. 206).

CAPÍTULO 2

Metodologia

Para dar resposta à pergunta de partida anteriormente mencionada e ir de encontro aos objetivos do desenvolvimento da seguinte dissertação, como base metodológica, como mencionado na introdução, surgem as sugestões de John W. Creswell (2007) e Alan Bryman (2012). Os autores começam por identificar três técnicas metodológicas de investigação, o método qualitativo, o método quantitativo e o método misto.⁶

Segundo Bryman,

Many students want to conduct research into areas that are of personal interest to them. This is not a bad thing at all and, (...) many social researchers start from this point as well. (...) qualitative research tends to be more open-ended than quantitative research (Bryman, 2012, p. 85).

É sob este ponto de vista que a seguinte investigação guiar-se-á pela utilização do método qualitativo como Creswell (2007) defende

Em um projeto qualitativo, o autor vai descrever um problema de pesquisa que possa ser melhor compreendido ao explorar um conceito ou um fenômeno. Eu sugeri que a pesquisa qualitativa é exploratória e os pesquisadores a utilizam para explorar um tópico quando as variáveis e a base teórica são desconhecidas (Creswell, 2007, p. 88)

Numa abordagem inicial sobre o tema, após a menção da questão exploratória, das subquestões que possam surgir e dos objetivos da pesquisa, como Creswell enfatiza “Essas questões de pesquisa assumem duas formas: uma central e subquestões associadas” (2007, p.

⁶ “Uma técnica quantitativa é aquela em que o investigador usa primariamente alegações pós-positivistas para desenvolvimento de conhecimento (ou seja, raciocínio de causa e efeito, redução de variáveis específicas e hipóteses e questões, uso de mensuração e observação e teste de teorias), emprega estratégias de investigação (como experimentos, levantamentos e coleta de dados, instrumentos predeterminados que geram dados estatísticos). (...) uma técnica qualitativa é aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados. (...) uma técnica de métodos mistos é aquela em que o pesquisador tende a basear as alegações de conhecimento em elementos pragmáticos (por exemplo, orientado para consequência, centrado no problema e pluralista). Essa técnica emprega estratégias de investigação que envolvem coleta de dados simultânea ou sequencial para melhor entender os problemas de pesquisa. A coleta de dados também envolve a obtenção tanto de informações numéricas (por exemplo, em instrumentos) como de informações de texto (por exemplo, em entrevistas), de forma que o banco de dados final represente tanto informações quantitativas como qualitativas.”, (Creswell, 2007, p. 35).

117). É fundamental selecionar e aprofundar os conceitos pertinentes ao desenvolvimento da dissertação, assim como proceder ao levantamento teórico sobre toda a parte científica já concebida sobre o tópico em análise, o autor menciona que “Pesquisadores qualitativos usam a teoria em seus estudos de várias formas. Eles empregam teoria como uma explicação ampla, de forma bem parecida com a da pesquisa quantitativa” (2007, p. 141), de forma mais sistemática formando uma lógica indutiva presente no seguinte quadro

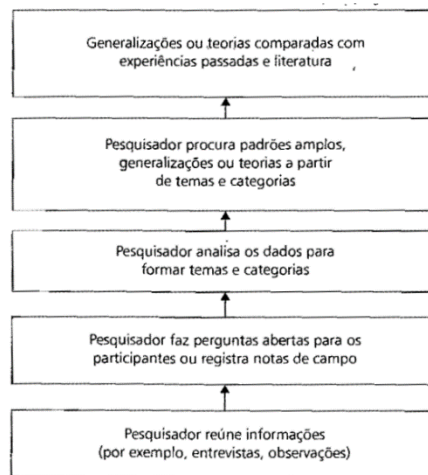


Figura 1 – “A lógica indutiva de pesquisa em um estudo qualitativo.”, (Creswell, 2007, p. 142).

Após a realização e término da análise do estado da arte incluindo de outros trabalhos acadêmicos desenvolvidos, existe, numa segunda fase, a análise documental, inicial para uma abordagem primária sobre onde e de que modo é possível chegar a dados específicos para o desenvolvimento da pesquisa.

Neste caso concreto, materializa-se pela observação da página da rede social Facebook do Município de Óbidos. Tirando a parte informativa destas fontes, pode surgir um problema em forma de crítica interna sobre as questões de veracidade e credibilidade da informação compartilhada via online, uma vez que a página é coordenada pelo gabinete de comunicação da CMO. Segundo Lisa Blenkinsop (2010) os sites e fóruns online são um espaço de comunicação de experiências e partilha de sentimentos, comparando-os à transmissão através da oralidade, mas também contribuem para a criação de uma narrativa dominante, enfatizando que potencialmente a memória coletiva que nasce é potencialmente influenciada pelos proprietários e usuários destas plataformas, visto que, de forma natural, existe uma seleção, quase como uma triagem da informação que se pretende abordar em cada caso, tratando-se de uma informação seletiva, uma memória seletiva da história, ajudando na criação de um discurso público coletivo.

Como Creswell defende, “(...) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (2007, p. 188). Para que esta “experiência sustentada e intensiva com os participantes” decorra de forma clara e como o autor nos refere, é necessária a aplicação de técnicas metodológicas. Bryman (2012) corrobora esta ideia e apresenta uma técnica de pesquisa “The research interview is a prominent data-collection strategy in both quantitative and qualitative research” (2012, p. 209). Segundo o autor

(...) the unstructured or semi-structured interview can have a useful role in relation to developing the fixed-choice alternatives with which respondents are provided in the kind of closed question that is typical of the structured interview (Bryman, 2012, p. 212).

Com base nos autores, a técnica de inquérito por entrevista semiestruturada é a que melhor se adapta ao contexto e aos objetivos da pesquisa, uma vez que o objetivo é também dar liberdade aos entrevistados sobre as respostas que apresentam, mas tendo como base as perguntas anteriormente estruturadas. A utilização desta técnica ajuda na obtenção e recolha de informação e de dados mais descritivos. Para desenvolver as entrevistas semiestruturadas é necessária a utilização de um instrumento de recolha de informação, o guião da entrevista.

Outra das características do método qualitativo, como Creswell nos evidencia com o seguinte quadro, é a aquisição de dados através da participação enquanto observação direta no terreno. Esta participação em campo é fundamental para uma melhor perceção da realidade e da dinâmica e contexto vividos neste momento na vila.

| Método de pesquisa quantitativo | Método de pesquisa qualitativo | Método misto de pesquisa |
|--|--|--|
| Predeterminado | Métodos emergentes | Métodos predeterminados e emergentes |
| Perguntas baseadas em instrumento | Questões abertas | Questões abertas e fechada |
| Dados de desempenho, de atitude, observacionais e de censo | Dados de entrevista, de observação, de documentos e audiovisuais | Formas múltiplas de dados contemplando todas as possibilidades |
| Análise estatística | Análise de texto e de imagem | Análise estatística e textual |

Figura 2 – Tabela resumida dos três métodos de pesquisa e respetivas técnicas, (Creswell, 2007, p. 34).

Resultados da Pesquisa

3.1. Análise da página da rede social Facebook do Município de Óbidos

A página da rede social Facebook do Município de Óbidos é coordenada pelo gabinete de comunicação da CMO, como anteriormente mencionado.⁷

O primeiro impacto que a página causa revê-se da facilidade de acesso, basta apenas inserir Município de Óbidos e aparece-nos imediatamente a rede social, assim como algumas informações sobre a CMO, como o contacto telefónico e email, a morada da sua sede local, entre outras. A nível estético, a página inicial apresenta-se de forma harmoniosamente atrativa, com cores vivas e linhas modernas. Está atualizada, não é uma plataforma estática, está em constante cocriação, a cada momento. Esta é uma das vantagens da informação que navega online, está em constante atualização e modificação. O rigor informativo da fonte apresentada pode ser dúbio segundo a perspetiva do utilizador. Visto que se trata de uma fonte dirigida por um órgão de poder político e no que toca ao autor e à origem do documento em análise, é possível evidenciar que esta rede social disponibiliza e publica no Facebook a informação que pretende em prol da imagem que pretende transpassar para o exterior, de certos benefícios camarários, evidenciando assim uma manifestação de poder, que pode levar a alguma imparcialidade e falta de fiabilidade.

No que ao conteúdo diz respeito, a rede social pode ser considerada valiosa do ponto de vista informativo, visto que nos apresenta muitas notícias sobre a situação pandémica, neste caso específico, vivida na região e em todo o país. Algumas das notícias são hiperligações diretas do jornal local, o Óbidos Diário, o que promove credibilidade e veracidade à fonte. É notório que desde que iniciou o primeiro período de confinamento decretado em Portugal em meados de março de 2020, que a autarquia tem utilizado este

⁷ *Link* da página oficial do Facebook do Município de Óbidos: <https://pt-pt.facebook.com/municipiodeobidos/>

meio de comunicação para publicar as medidas que vão sendo implementadas, o incentivo a que os cidadãos cumpram o confinamento e o distanciamento social, a desinfeção das ruas e dos espaços públicos, entre outros. À semelhança destas notícias, também foram partilhadas notícias sobre a realidade do que se estava a passar na área cultural, onde os eventos e projetos culturais estavam a ser cancelados e/ou adiados, assim como a promoção de novos projetos e eventos, ambos online, que estavam a ser desenvolvidos durante aquele tempo. As matérias mais publicadas na página durante este período de pandemia foram: atividades ao ar livre que a vila proporciona aos seus visitantes, como trilhos e passeios pelo castelo e na área adjacente; atividade física desenvolvida ao ar livre e com distanciamento social, nos tempos em que as restrições são mais levianas; vídeos e fotografias sobre edições de eventos anteriores; a comemoração dos diversos dias festivos, como o dia mundial da poesia e o dia mundial da criança, por exemplo, entre outros, desenvolvendo desafios online para miúdos e graúdos; peças de teatro e espetáculos de dança transmitidos ao vivo via online; novos desafios interativos, como o desenvolvimento de *hashtags* para quem ia visitando a vila; webinários sobre o mais variados assuntos disponíveis para quem pretendesse participar; etc.

As capturas de ecrã incluídas em anexo, todas referentes ao ano de 2020, são alguns exemplos do que se passou na rede social do Município. Desde as medidas sanitárias e políticas que foram implementadas, aos grandes eventos emblemáticos a serem cancelados e transferidos para o ano seguinte (2021), às novas iniciativas (online e presencial), entre outros.

3.2. Análise do Organograma da Câmara Municipal de Óbidos

A análise do Organograma da CMO é importante para a investigação em desenvolvimento porque nos apresenta e especifica em que área da organização municipal cada serviço atua e o que realiza efetiva. O organograma encontra-se disponível ao público através do site do Município⁸, no separador de recursos humanos – organização dos serviços municipais, assim como a explicação da Estrutura Orgânica dos Serviços e

⁸ Informação e documentação retiradas do seguinte site: <https://www.cm-obidos.pt/RH-Organizacao-dos-Servicos>

o Mapa de Pessoal que complementam o quadro principal. Os quadrados de cor são os serviços que nos interessam e aos quais se procederá a uma análise mais profunda. O organograma será analisado ao pormenor segundo o documento escrito da Estrutura Orgânica dos serviços do Município.

Estrutura Orgânica dos Serviços de Município - Organograma - Diário da República, 2.ª série – N.º 82 - 27 de abril de 2020

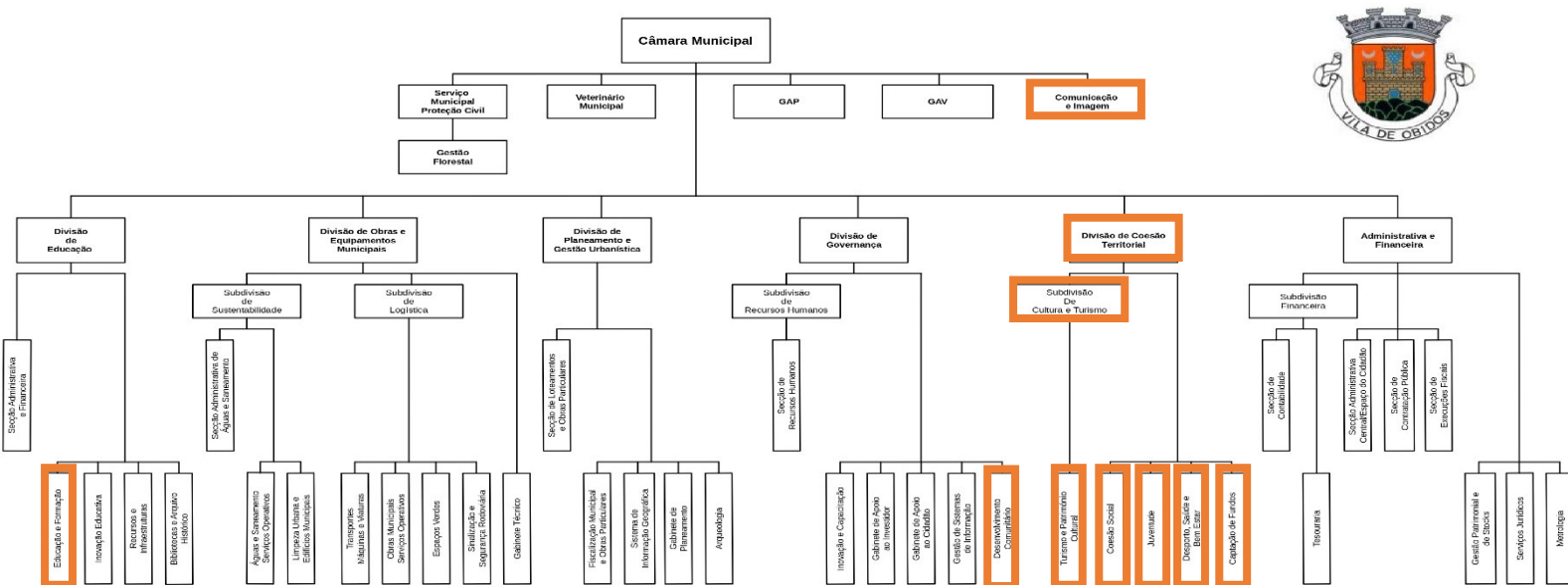


Figura 3 – Esquema representativo da Estrutura Orgânica dos Serviços da CMO.

Começando pelo serviço de Comunicação e Imagem que é responsável pelo site e respetivas redes sociais do município, e do sistema interno da Intranet, divulgação de todos os eventos e projetos culturais a desenvolver e/ou em desenvolvimento, de todas as notícias informativas, seja elaboração de textos, seja tratamento e edição de fotografias e vídeos de promoção, estabelecimento de contactos entre órgãos de comunicação social externos, e assessoria de imprensa, este serviço também está responsável pela elaboração de logótipos, cartazes, panfletos, entre outros, dos respetivos eventos, parte gráfica e design.

Inserido na Divisão de Educação, existe um serviço, denominado Inovação Educativa, de relevo para esta temática, visto que é um serviço que promove a criatividade artística e cultura entre os mais jovens, quer seja no âmbito escolar, quer seja no âmbito pessoal e individual, assim como tem a responsabilidade de apresentar os diferentes projetos que estão a acontecer em cada momento e quais os respetivos objetivos. Está

subdividido em cinco programas: 1) Programa Escolas D'Óbidos no Mundo, onde são tratadas as parcerias entre as escolas e as variadas entidades, desenvolvidos estudos e candidaturas, entre outros; 2) Programa Fábrica da Criatividade, com o apoio à construção e submissão de candidaturas a projetos por parte da comunidade educativa. A Fábrica da Criatividade é um programa que surgiu em 2010, e que tem por principal objetivo fomentar o desenvolvimento de uma inteligência emocional e criativa por parte da comunidade, “um investimento na educação, tendo por base as áreas da criatividade e inovação.”⁹. O programa atua principalmente em duas áreas, na escola, onde são criados os projetos “que resultam numa intervenção direta em diferentes focos (aluno, professor, animador, currículo e família)”, e na comunidade “com o desenvolvimento de um programa integrado de atividades lúdicas, artísticas e culturais, maioritariamente de itinerância dirigidas a crianças, jovens, adultos e famílias.”; 3) Programa Crescer Melhor, um programa onde “é dedicada especial atenção ao papel da escola/instituição educativa na prestação de serviços de apoio social às famílias apresentando-se como uma medida que reflete a corresponsabilização de toda a comunidade local na procura de diferentes soluções de acordo com as reais necessidades dos pais e promovendo o bem-estar das crianças.”¹⁰. O seguinte programa organiza e disponibiliza às crianças e jovens, durante o seus tempos livres diários e nas férias escolares, a oportunidade de realizarem diversas atividades necessárias ao desenvolvimento cognitivo e intelectual, atendendo às necessidades e dificuldades de cada aluno/família.; 4) Programa iLab, um programa direcionado para a tecnologia e o desenvolvimento de competências tecnológicas e digitais; 5) Programa de Intervenção Comunitária, onde é incentivada a colaboração com a comunidade educativa obidense no desenvolvimento e participação em projetos e iniciativas educativas.

Inserido na Divisão de Governança, existe um serviço, denominado Desenvolvimento Comunitário. Este serviço tem entre os seus objetivos trabalhar diretamente com a Divisão de Coesão Territorial (DCT) no âmbito do desenvolvimento de atividades em conjunto, como também propor atividades de carácter cultural, artístico, social, educacional, ambiental, desportivo, entre outros, através da concretização e promoção de um Programa de Intervenção Comunitária no Concelho.

⁹ Citação retirada do seguinte site: <https://escolasdobidos.com/fabrica-da-criatividade/>

¹⁰ Citação retirada do seguinte site: <https://escolasdobidos.com/educacao-municipio-layout-2/crescer-melhor/>

A seguinte divisão de serviços é sem dúvida a mais importante para análise do setor cultural e criativo de Óbidos, visto que é mais ampla e abrangente a este nível. A Divisão de Coesão Territorial está dividida em duas secções. A secção I onde constam os serviços na dependência hierárquica direta da DCT e a secção II onde está inserido o serviço na dependência hierárquica direta da Subdivisão de Cultura e Turismo (SDCT).

A secção I está subdividida em quatro setores: Coesão Social; Juventude; Desporto, Saúde e Bem-Estar; Captação de Fundos, cada um ligado a um aspeto da comunidade. O serviço de Coesão Social por sua vez está dividido em cinco vetores: 1- Apoio aos Municípios e IPSS's (Instituições Particulares de Solidariedade Social); 2- Habitação; 3- Redes e Parcerias; 4- Observatório Social; 5- Promoção da Cidadania. Estes vetores trabalham em harmonia e concordância para a dinamização e coesão social, elaborando estudos e avaliações às várias condições inerentes a cada cidadão, como condições: psicológicas (1.n: Elaborar estratégias de apoio psicológico e acompanhamento dos municípios junto das entidades vocacionadas e competentes.); de saúde (1.m: “Executar o programa rede solidária do medicamento – programa Abem”; 5.3: Promoção da Cidadania no âmbito do Apoio ao Idoso); habitacionais (2.a: “Desenvolver trabalho de parceria com as estruturas de âmbito local no sentido da sinalização de casos de carência habitacional.”); profissionais (5.2.a: “Proceder ao atendimento, informação e encaminhamento dos utentes para emprego e formação profissional.”); culturais (5.3.b: “Organizar, dinamizar e avaliar atividades de educação, formação, lazer, cultura e recreio adequadas ao público-alvo.”); entre outras. Ao serviço de Juventude compete maioritariamente desenvolver atividades para os jovens, em diversos campos da cidadania, incluindo também a promoção de intercâmbios internacionais, a organização de ateliers e workshops no âmbito das artes, e de outras áreas, entre outras atividades. O Serviço de Desporto, Saúde e Bem-Estar, foca-se primordialmente no planeamento e desenvolvimento de atividades no âmbito do desporto, saúde e bem-estar que se dirijam à população do Concelho, também apoia a produção e acontecimento de eventos desportivos de pequena ou grande dimensões (local, nacional ou internacional) que sejam relevantes para o Município, como podemos ler no artigo 60º alínea *m*) do documento em análise.

A secção II destinada ao Serviço de Turismo e Património Cultural, é a parte mais importante para o estudo em desenvolvimento. Subdividido em quatro setores, este serviço tem como principal finalidade tratar da produção e coordenação dos eventos

culturais que ocorrem na vila e no Concelho. No âmbito da Gestão do Património Cultural, o primeiro setor, é possível depreender que é o domínio ligado à preservação e manutenção do Património Histórico do concelho, assim como ao desenvolvimento de diversas atividades relacionadas a esta área em prol e com a comunidade (1.i: “Criar dinâmicas de pedagogia patrimonial, fomentando a participação dos diversos agentes da comunidade.”). O segundo setor é a Rede Municipal de Museus e Galerias onde um dos maiores objetivos é a conservação dos museus obidenses e respetivos acervos, onde também é feita a proposta de aquisição de novos bens museológicos, assim como é feito o apoio técnico às variadas exposições que vão sendo realizadas. O terceiro setor, Turismo e Eventos, para além de estar direcionado para o turismo e o desenvolvimento do mesmo na região, através da realização de estudos e apresentação de propostas, tem um ponto destinado à promoção e realização de eventos propostos pela autarquia. O quarto setor, Investigação Cultural, dirige-se para toda a área cultural do concelho, quer seja ao desenvolvimento atividades e eventos culturais, à sua organização, promoção e produção, apoiando as várias iniciativas culturais e garantindo a conservação e preservação de espaços culturais, quer seja por parte de um suporte teórico por meio de estudos e investigações sobre património cultural, propostas inovadoras para o campo cultural obidense, entre outros.

3.3. Primeiro Momento da Pesquisa de Terreno

O primeiro momento da pesquisa de terreno ocorreu no final de 2020 com uma ida informal à vila e a tiragem registo de apontamentos sobre o que estava a observar, como também a captura de algumas fotografias. De salientar que no fim de 2020 o país não estava em confinamento. Acrescentando que a vila estava a ser preparada com algumas decorações para a celebração do evento Óbidos Vila Natal, apesar desse saber que o evento não se iria realizar.

O aspeto primordial que logo despontou uma maior atenção foi a constatação de que uma grande parte de restaurantes, cafés, lojas, alojamentos e espaços emblemáticos, como por exemplo uma das mais famosas livrarias, estavam fechados. A tipicamente chamada Rua Direita, a principal rua da vila, que normalmente tem bastantes bancas e expositores às portas das lojas estava com as paredes muito vazias e sem banquinhas. Os

restaurantes, cafés e lojas que estavam com clientes, tinham pouca afluência ou praticamente nula, nestes últimos estando somente os funcionários dentro dos espaços.

O segundo aspeto mais marcante sobre este cenário foi a falta de público a circular pelas ruas. As ruas estavam muito pouco movimentadas, não só a principal como as adjacentes, e as pessoas que circulavam eram grande parte trabalhadores, habitantes locais e alguns turistas. Os espaços mais turísticos como os miradouros, monumentos e as igrejas também não estavam muito movimentados.

3.4. Segundo Momento da Pesquisa de Terreno

- Entrevista a Paula Ganhão

A entrevista aconteceu em formato online via Zoom por opção das duas partes intervenientes, dado o contexto pandémico em que vivemos e por existir essa possibilidade, não colocando em causa a veracidade da informação nem a conduta da entrevista. Ocorreu no dia 21 de abril de 2021 e contou com um guião de entrevista semiestruturado.

A entrevista iniciou-se com uma apresentação, um pedido por parte da entrevistadora para a gravação da mesma, a fim de, posteriormente, poder transcrevê-la como apoio ao desenvolvimento da investigação, de modo a transpor a informação de forma correta e completa e uma explicação mais minuciosa sobre o tema e objetivos da investigação.

Surgiu uma iniciativa aberta por parte da entrevistada com a partilha sobre o contexto atual em cenário pandémico na vila de Óbidos, após a explicação por parte da entrevistadora do tema e dos objetivos da dissertação, o que serve de resposta à primeira questão: “Qual o impacto da pandemia nos eventos culturais em Óbidos?”. Segundo a entrevistada

Tem sido complicado, a Covid-19 e o impacto nos eventos, portanto não vai ser, não é fácil falar neste, aliás não é fácil trabalhar na área da cultura, nem na área do turismo nesta altura. Este último ano tem sido muito, muito difícil, não só para os artistas, mas também para quem trabalha em todas estas áreas, técnicos de som, de montagem e os próprios serviços públicos, que estamos muito habituados a organizar eventos, organizar

atividades, somos grandes entidades que contratam artistas e que contratam estes espetáculos, que passou do 100 quase para o 2 ou para o 0, foi mesmo de 8 para o 80. E isto não é só na Câmara Municipal de Óbidos, estamos aqui a falar de todo o mundo, isto é global. E não tem sido fácil trabalhar, especialmente cancelar isto tudo. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

No seguimento desta explicação seguiu-se uma conversa informal onde houve uma partilha de informação sobre os contextos profissionais de ambas as intervenientes, o que serviu de mote para a seguinte questão: “Para que área cultural se direciona o trabalho da dra. Paula?”

Neste momento eu sou responsável na CMO pelos serviços de cultura e turismo e também já fiz parte da Empresa Municipal Óbidos Criativa, que organiza os grandes eventos temáticos. Acabei por passar por todo este percurso que têm sido os eventos e a organização de eventos em Óbidos desde o primeiro evento aquando chegou a um topo onde fazíamos realmente muita coisa e depois houve aqui um pequeno declínio, depois houve um repensar de toda a estratégia e virá-la para o livro, para a literatura e acabei por acompanhar todos estes processos. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

Voltou a existir um reforço da explicação sobre a escolha do objeto de estudo por parte da entrevistadora. Acrescentando a este pormenor surgiu uma explicação por parte da entrevistada sobre a missão cultural da CMO, o que responde à questão: “Em contexto pré-pandémico que projetos/eventos costumava desenvolver no âmbito municipal?”

Trabalhar no setor público é muito frustrante, porque infelizmente não temos o dinheiro que queremos, há muita burocracia, há muita gestão de emoções de toda a gente que está ali à nossa volta, não é fácil, e não é organizar eventos, temos de pensar num todo, temos de pensar no território, temos de pensar nas empresas locais, temos de pensar em tudo, não é só pensar, olha eu agora quero fazer um evento, no nosso caso, eu trabalho na CMO na área da cultura, o lucro não é obviamente o nosso objetivo nem a nossa missão, tanto não o é que nós não cobramos bilhetes nas coisas que nós fazemos, a [EM] Óbidos Criativa sim, cobra, portanto o Mercado Medieval o [Óbidos Vila] Natal e o [Festival Internacional de] Chocolate são organizados pela Óbidos Criativa, mas a CMO organiza por exemplo o [Festival Literário Internacional de Óbidos] Folio, organiza o [Festival] Latitudes, e vamos começar a organizar umas temporadas de música e será tudo sem bilhete, porque a nossa missão é a promoção cultural e não obviamente o lucro. Portanto entendemos que isto é um investimento sempre e nunca um custo, um investimento não só na promoção da marca [Óbidos], mas também na formação de públicos e na formação de quem está e oferecer, portanto, estes espetáculos e estas atividades para quem está na nossa zona. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

Existiu uma intervenção adicionada por parte da entrevistadora sobre o apoio às associações locais por parte da CMO à qual a dra. Paula corrobora afirmando que

As associações têm um papel muito importante na organização dos eventos, especialmente no Mercado Medieval e posso dizer que são um bocadinho a alma do evento, são a parte mais importante do evento, para além obviamente dos espetáculos e todo o ambiente que é criado, mas também é uma fonte de rendimento para estas associações que com a participação no Mercado Medieval conseguem fundos para financiar as suas atividades ao longo do ano, só para mostrar a importância que estes eventos têm para o associativismo local. É claro que o município de Óbidos também tem programas de financiamento e de apoio a estas associações culturais, desportivas e de proteção civil como é o caso dos Bombeiros, mas para além disso há também a possibilidade de participação e de haver este reforço. Por acaso é uma coisa que nós falamos sempre, é das associações, porque o Mercado Medieval é um daqueles eventos em que a participação da comunidade local, são cerca de 1000 voluntários que existem por parte das associações que lá vão, portanto isto não estamos aqui a falar de 10 ou 20 pessoas, são 1000 pessoas no evento que de alguma forma são voluntários neste evento. Mas já tentámos fazer noutros eventos, mas nenhuma como o Mercado Medieval, essa sim é a grande participação e um ingrediente muito importante para este evento. Curiosamente ontem tive uma reunião na cerca do Castelo e por acaso ainda estão lá montadas umas estruturas medievais, já mandei desmontar aquilo tudo para repensar, está na altura de repensar os eventos. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

A resposta anterior despontou uma questão por parte da entrevistadora: “Como surge a necessidade de criação do Festival Literário Internacional de Óbidos em 2015?”

[Museus e Galerias] Todos tinham pequenos pontos de venda, e começámos a criar ou criámos outro evento grande, que é o Folio, que é neste momento um dos eventos mais importantes que nós organizamos, um festival literário, que tem sido fundamental para o desenvolvimento económico também da nossa vila, porque o Folio é um evento que chama outro tipo de visitante não quer dizer que seja melhor, que seja pior, são públicos diferentes. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

Questionada com a seguinte pergunta: “De que modo o município se reinventou a nível cultural com a pandemia? Que alternativas surgiram?”, sobre as iniciativas online apresentadas pelo Município, Paula retirou as seguintes conclusões

Lembro-me muito do Mercado Medieval e de tudo aquilo que oferece e a experiência que nós damos ao visitante, acima de tudo o que nós queremos fazer é oferecer esta experiência, este momento inesquecível que só é possível fazer fisicamente ou presencialmente. Isto é uma das grandes questões da Covid e dos eventos online. No caso de Óbidos os eventos online não funcionam, porque não é esse o nosso objetivo, o que nós vendemos é uma experiência, vendemos o nosso património, vendemos as nossas ruas e não conseguimos replicar aquilo que nós queremos transmitir em formato online. Tivemos uma ou duas iniciativas que não funcionaram, aliás tenho falado com várias colegas de outras câmaras e de outras instituições e todos dizem o mesmo, a nível online, eventos online não têm o mesmo impacto, é preferível ter um evento com 50 pessoas, acaba por ter um impacto mais positivo que ter um evento online com 1000, ou 2000 ou

5000 visualizações, porque aquela experiência do local é muito importante e é muito importante nesta fase em que as pessoas querem muito sair de casa. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

Na resposta à pergunta: “Que projetos/eventos o município desenvolveu no âmbito da Rede das Cidades Criativas, em cenário pré-pandémico? E durante a pandemia? Quais são as cidades ou vilas parceiras de Óbidos?”, a entrevistada afirmou que

Embora os municípios sejam independentes, nós fazemos parte do Oeste CIM que são 12 municípios e fazemos parte da Cultura 2020-27. Trabalhamos muito bem e ninguém compete com ninguém porque cada um tem a sua realidade, cada um tem os seus objetivos, eu sei que a nível da Oeste CIM, há um esforço para que por exemplo os grandes eventos temáticos de cada sítio não tenham datas coincidentes para que a oferta consiga ser mais equilibrada. Mas tem havido essa preocupação, porque os eventos também são produtos estratégicos para promoção de toda a região, e não podemos trabalhar de outra forma, porque criamos um destino global, e esse destino é a nossa região e temos de pensar assim, por isso da nossa parte e da parte dos outros municípios estamos cá mesmo, e damo-nos todos bem. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

A sétima questão: “Que medidas e estratégias autárquicas foram tomadas por parte da CMO?”, foi respondida da seguinte forma

O que nós tentámos fazer para a parte turística e cultural, para tentar ajudar a colmatar alguns destes problemas, portanto por parte da CMO, os edifícios que estão concessionados a empresas privadas, que acontece, nós temos vários edifícios com esplanadas e as próprias livrarias, deixaram de pagar renda, portanto houve efetivamente essa suspensão da renda durante esses períodos, da mesma forma que não, mas isso também já não pagam a luz e a água, também não pagam porque faz parte do acordo, para além disso para o comércio local e todas as empresas, houve realmente a questão da fatura da água, que houve descontos em alguns casos, perdoavam a fatura da água. Para a vertente turística criámos um *Óbidos Voucher Card*. O *Óbidos Voucher Card*. Também contratámos uma empresa de vídeo para fazer um vídeo profissional promocional de Óbidos, para que na altura do desconfinamento pudéssemos promover Óbidos em vários canais, aí contratarmos espaços publicitários em várias televisões para conseguirmos promover Óbidos e atrair pessoas para Óbidos. Embora Óbidos em si não precisa, à partida, de muita promoção, porque nós estamos muito bem posicionados em termos geográficos. Por isso quando tivermos uma retoma da atividade turística, Óbidos irá naturalmente beneficiar dessa retoma, e especialmente quando voltarmos a ter os cruzeiros. Muitos dos visitantes que nós tínhamos em Óbidos eram visitantes também dos cruzeiros. Enquanto nós tínhamos a grande parte excursionista, portanto aqueles que vinham de autocarro, neste momento temos o visitante individual, que requer outro tipo de oferta, portanto há aqui uma mudança que está a acontecer e que precisa de acontecer e essa reflexão precisa de existir e tem de ser profunda do que é que vai ser Óbidos do futuro, mas não pode ser o mesmo do passado. No entanto parte da retoma de Óbidos enquanto sítio turístico, eu não prevejo que haja muita complicação nesse sentido, portanto não será necessário um reforço muito grande de promoção, mas queremos é criar

novos produtos, novos motivos, para que as pessoas não só se desloquem a Óbidos, mas que fiquem em Óbidos, essa é o grande objetivo do Município e dos nossos serviços, que é, não só atrair as pessoas, mas fazer com que as pessoas fiquem no nosso território, uma, duas, três ou mais noites, aliás esse é o objetivo de todos os territórios. O objetivo é as pessoas não ficarem só em Lisboa, mas também fiquem alojados na nossa zona. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

À pergunta: “Quais as consequências que a pandemia e o cenário vivido afetaram e afetam os comerciantes e trabalhadores da vila, no contexto da não realização dos eventos culturais?”, Paula Ganhão mencionou que

Os eventos em Óbidos têm esse objetivo que é a dinamização económica local, foi por isso que a vertente online também não funcionou porque os eventos em Óbidos têm objetivos claros económicos e sem ter as pessoas em Óbidos não conseguimos ter esses resultados, portanto a pandemia foi caótica, foi catastrófica para a vila de Óbidos, porque 85% senão mais das empresas que estão no centro histórico estão viradas para a vertente turística, portanto a vila estava completamente fechada, estava encerrada e tem sido um período muito, muito complicado. Óbidos vive de duas vertentes muito importantes, que é a vertente da agricultura e a vertente turística, portanto a da agricultura não sofre, porque as pessoas precisam sempre de comer, naturalmente, a vertente turística foi absolutamente catastrófica nesse sentido. Durante o confinamento estava mesmo tudo, tudo, tudo fechado, e no final do primeiro confinamento, mesmo quando foi possível reabrir demorou ainda um mês para que todos reabrissem, portanto eles não reabriram logo. É difícil. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

No seguimento da pergunta anterior, surge uma outra questão que é: “A níveis psicológico e emocional, não tanto a parte prática, como encontrou os comerciantes e trabalhadores da vila, como é que eles reagiram?”, a entrevistada evidenciou que

Olhe vou-lhe dizer que eu trabalho no museu Municipal que é na Praça de Santa Maria, portanto eu faço o caminho da Porta da Vila ao Museu pelo menos 4 vezes ao dia, e é uma situação muito complicada. Muitas vezes eu estou a andar pela Rua Direita, que é a rua principal, e o que eu vejo são só nos donos das lojas à porta sem ninguém na vila e isso é das coisas que mais custa, porque eu sinto que eles não me culpam, portanto a culpa não é minha de haver Covid, a culpa não é minha de eles terem fechado, mas eu represento enquanto estou ali a passar no Município, eu represento, de alguma forma, a CMO e sempre com aquela sensação de que serás que podíamos ter feito mais? Nós também não sabíamos, aliás grande parte do orçamento da CMO foi para apoios sociais, e para este tipo de apoio de Covid, por isso emocionalmente tem sido muito complicado para eles, porque vêm as suas vidas um pouco a andar para trás, porque eles tinham uma expectativa, isto em 2020, de terem dos melhores anos turísticos de sempre, porque era essa a perspetiva, e passou do tudo para o nada, e depois também há aqui outra questão que tem de ser muito pensada, que é a quantidade excessiva de lojas viradas para o turismo que existem no centro histórico, isso precisa de ser muito pensado, a partir de agora, nomeadamente no tipo de autorização que é dada para abrir este tipo de atividade, ou seja,

é aquele equilíbrio que eu falava que era necessário que não existe no centro histórico. Ainda ontem estava a andar pela Rua Direita e é porta sim, porta sim, todas as portas têm o negócio virado para o turismo e a faturação tem sido de boa para 0, portanto a nível psicológico a maior parte das pessoas estiveram em *layoff* e quando abrem, abrem com os donos, são os donos e não os empregados, não tem sido nada fácil e há acima de tudo uma ameaça de encerramento muito grande de muitas empresas e nós neste momento voltámos a abrir tudo, mas é o caminho que exige muita reflexão e um futuro, porque não pode ser igual ao passado, Óbidos não pode voltar a ser o Óbidos que era no passado, porque nem o tipo de público é o mesmo que no passado. Isto só para concluir que têm sido momentos muito difíceis para o nosso setor local, mas ao mesmo tempo de alguma esperança. Houve aqui uma coisa positiva que aconteceu que foi o comércio local juntou-se todo e criou um projeto chamado “Segredos de Óbidos”, em que cada estabelecimento fazia parceria com 2 ou 3 e criam produtos únicos para turistas individuais em Óbidos, e isso é um projeto que nasceu um ano passado, e que está a crescer cada vez mais. De que forma é que a população local agora está a tentar reinventar-se para o futuro e juntaram-se e criaram este projeto, que é um projeto independente, não tem intervenção da CMO, tirando a parte promocional, portanto quem for ao nosso Website de que também foi lançado agora durante a pandemia, foi um dos nossos objetivos, foi alterar o nosso website, remodelamos o nosso Posto Turismo, substituímos a sinalética da vilas, portanto também não ficámos parados, e lá nesse site que é novo tem uma vertente que é só os ‘Segredos de Óbidos’ e de todo o tipo de oferta que existe de produtos exclusivos só para: ou casais ou para pequenos grupos, no fundo, que a pessoa pode usufruir em Óbidos, e que no fundo vem no seguimento desta nova reflexão e deste novo tipo de turismo que vai ter que acontecer. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

A última intervenção sucedeu-se de forma mais aberta e livre, no seguimento de toda a conversa emergiu por parte da entrevistadora uma questão, como se fosse uma projeção para o futuro: “Acha que no novo cenário que vai surgir no pós-pandemia, Óbidos vai tornar-se uma vila mais elitista, mais cara?”, Paula Ganhão defendeu que

Não, porque devido à nossa posição geográfica quando houver a retoma das excursões, Óbidos vai continuar a ter as excursões, portanto vai haver um maior equilíbrio e um produto mais estruturado quer para o viajante individual quer para o excursionista. E pode fazer essa pergunta relativamente ao Folio. Será que o Folio não é um evento elitista? É um bocadinho, se tivermos aqui a analisar bem, quando nós encontramos um livro físico como motor de desenvolvimento económico de um território, precisamos de fazer este tipo de eventos, e há uma lacuna enorme entre o público do Folio e a população de Óbidos e o nosso trabalho aqui, enquanto município, é efetivamente formar a população e formar públicos para que possam usufruir deste eventos e criar escritores, criar pensadores, portanto toda esta estratégia é uma estratégia para a população local também, por isso podemos estar aqui a criar alguns eventos para uma camada de população diferenciada, mas o que nós queremos é que a população local seja uma camada diferenciada e possa usufruir de toda esta oferta cultural, não só do Folio, mas também dos muitos concertos de música erudita, clássica e de orquestra, que tivemos no passado, em que a população ia e gostava muito. Temos que juntar todos estes elementos. [Entrevista a Paula Ganhão, Chefe da Subdivisão de Turismo e Cultura de Óbidos, 21 de abril de 2021]

O esquema informativo relativo ao financiamento camarário investido em apoios e isenções para ajudar no amortecimento das consequências da pandemia publicado pela revista Rio (Revista Informativa de Óbidos), na edição 50 de junho de 2021, pode ser consultado em anexo.¹¹

- Entrevista a Alexandre Ferreira

A entrevista aconteceu em formato online via Zoom por escolha das duas partes intervenientes, dado o contexto pandémico em que vivemos e por existir essa possibilidade, não colocando em causa a veracidade da informação nem a conduta da entrevista. Ocorreu no dia 2 de agosto de 2021 e contou com um guião de entrevista semiestruturado.

A entrevista iniciou-se com uma apresentação, um pedido por parte da entrevistadora para a gravação da mesma, a fim de, posteriormente, poder transcrevê-la como apoio ao desenvolvimento da investigação, de modo a transpor a informação de forma correta e completa e uma explicação mais minuciosa sobre o tema e objetivos da investigação.

A primeira questão colocada pela entrevistadora foi a seguinte: “No âmbito da Empresa Municipal Óbidos Criativa, para que área cultural se direciona o trabalho do Alexandre?”, à qual Alexandre Ferreira decide explicar acrescentado a explicação da missão e visão da EM Óbidos Criativa evidenciou que

Nós na prática não estamos muito direcionados para a cultura, nós o que fazemos é nós organizamos eventos, organizamos os 3/4 grandes eventos conhecidos em Óbidos que é o Mercado Medieval, o Óbidos Vila Natal e o Festival [Internacional] do Chocolate e damos uma parceria na realização do Folio, que é o Festival Internacional Literário de Óbidos, este realmente será o evento mais ligado à cultura, porque os outros na prática não é bem cultura. O Festival Internacional do Chocolate terá algumas atividades que poderão ter alguma ligação à cultura, no Chocolate acabamos por executar as esculturas em chocolate e isso realmente é uma parte artística e aí podemos realmente considerá-la como cultura. Alguns espetáculos que fazemos nos intervalos destes eventos, mas não é bem aquela cultura de fazer um espetáculo de dança, de teatro, espetáculos de música, na acessão da palavra como é normal nos outros locais do país. O evento do Natal é um evento de animação, de crianças, de famílias, mas na prática não é bem aquela cultura pura e dura, por isso nós essencialmente fazemos animação turística e entretenimento para os nossos visitantes, como forma também de dinamização da economia local e regional.

¹¹ Figura 8 do anexo.

[Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A segunda intervenção surgiu por parte da entrevistadora onde questiona o caráter cultural do evento do Mercado Medieval, ao qual o entrevistado respondeu que

O Mercado Medieval é um evento de recriação histórica em conjunto com gastronomia, porque temos aqui duas/três vertentes muito fortes neste evento que é a recriação histórica que tentamos fazer da Vila e da cerca do Castelo, o recinto onde organizamos o evento, também com música e com espetáculos, o mais originais possível e de acordo realmente com a tradição medieval e também é neste momento a grande festa do conelho, que é um evento organizado pela Óbidos Criativa em parceria com a Câmara Municipal e em parceria essencialmente com as nossas associações locais que são elas que dinamizam toda a parte da gastronomia do evento que têm aqui uma oportunidade de aumentar o seu orçamento anual, que há dois anos não acontece, que lhes permite desenvolver outras atividades sociais, culturais e desportivas. [Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A terceira questão: “Que consequências trouxe a pandemia aos eventos culturais já projetados e programados, e, conseqüentemente, à EM Óbidos Criativa?”, seguiu numa linha de resposta à questão anterior sobre o associativismo local. A resposta oferecida por Alexandre Ferreira também permitiu a abordagem para outros temas idem pertinentes e integrados nos objetivos da entrevista

Nós em 2019 vínhamos em crescendo em termos de receitas, de eventos, de entradas e tudo isso. Tínhamos preparado para 2020 um programa de ação um bocado maior do que tem vindo a acontecer ao longo dos últimos anos, para além destes 4/5 eventos que nós organizamos, tínhamos também programado voltar novamente a ter, um evento de ópera, que foi um evento muito famoso em Óbidos no final da década passada, início desta década e tínhamos também programado um outro evento no início do verão, entre o final da primavera e o início do verão que tinha a haver com uma fusão de *street food*, de gelado, de arte moderna e de artes circenses. Com o surgimento da pandemia todo este projeto, todo este plano se desmoronou, visto que nós estávamos, o nosso grande evento do ano passado [2020] era o Festival Internacional do Chocolate que estava marcado para meados de abril até ao início de maio, já estávamos em velocidade de cruzeiro na sua organização, na sua montagem e vimo-nos na contingência com o aparecimento da pandemia e com a declaração da crise pandémica mundial e com o confinamento em fins de março, princípio de abril [2020] a termos de cancelar esse evento onde já tínhamos algum investimento já feito, bastante até, já tínhamos gasto e vimos na contingência de ter de cancelar. Se bem que as nossas perspetivas naquela altura era que isto fosse uma coisa muito rápida e de que passasse rapidamente, ou seja, não tínhamos a consciência de que íamos ter de fechar, de que tínhamos de fechar durante meses e ter restrições de mobilidade e de organização de eventos na área da cultura e noutras áreas. [Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A terceira questão foi a seguinte: “De que modo a empresa se reinventou a nível das iniciativas culturais com a pandemia? Que alternativas surgiram?”, à qual Alexandre nos elucidou respondendo que

Continuámos a trabalhar, mesmo em casa, em teletrabalho, continuámos a trabalhar no projeto do Mercado Medieval que costuma ser neste período que estamos agora a passar, mais ou menos entre a segunda quinzena de julho e a primeira/segunda semana de agosto, mas à medida que nos fomos aproximando e fomos percebendo que as regras emanadas pela DGS e pelas autoridades locais, não nos permitiam organizar esse evento e consequentemente fomos cancelando tudo o que tínhamos programado. No meio disto tudo vimos na contingência ter de fazer alguma reestruturação e nos adaptarmos aos novos tempos, às novas condições que existiam. Não tivemos tempo de reação para fazer nada o ano passado no Chocolate, mas no Mercado Medieval já conseguimos fazer algumas atividades, o ano passado, à semelhança do que fizemos este ano, já cenografamos a Vila, torná-la mais medieval do que o que ela é e fizemos acontecer alguns espetáculos *pop-up*, em parecia com algumas associações nossas, com alguns fornecedores/parceiros que nos incentivaram a não acabar com o evento, porque todos eventos têm sido cancelados. No Natal também nos adaptámos e acabámos por fazer um conjunto de atividades também. Fomos muito bem-sucedidos, naquela altura havia um conjunto de restrições, mas fomos visitados por muita gente, muita gente veio à procura das nossas decorações de Natal que são um bocadinho diferentes das restantes. Tivemos alguma capacidade de inovação e de criatividade e fizemos um evento que mesmo assim ainda apoiou a economia. Esta situação toda, como eu já disse ainda há pouco, de ter implicações sobre os orçamentos de algumas associações, também teve grandes implicações sobre a própria Óbidos Criativa que o ano passado [2020] viu decrescer a faturação de uma forma drástica em 85%, dado que nós tínhamos o ano passado essencialmente faturado 5 dias do Natal do ano anterior, 2019, que foi até dia 5 de janeiro de 2020 e tivemos receita só do nosso parque de estacionamento, nós exploramos também um parque de estacionamento aqui em Óbidos e por isso a nossa receita caiu drasticamente, por isso houve uma grande influência sobre aquilo que foram as contas da empresa, que felizmente estavam sólidas e que nos permitiu durante um ano cumprir com todos os compromissos que tínhamos e chegar ao fim do ano sem dívidas. [Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A quarta questão: “Qual foi a reação do público face às alternativas propostas?”, teve como principal objetivo perceber quais as reações recebidas por parte do público, dos clientes, sobre toda a situação que estava a ser vivenciada na vila. Alexandre Ferreira partilhou que

Cada um dos nossos eventos tem uma rede social, têm várias redes sociais ligadas aos eventos, e temos milhares de seguidores e *likes* nas nossas páginas. A reação dos nossos clientes é uma reação de tristeza porque estão habituados. Todos os dias nós recebemos comunicações a perguntar: ‘Se há evento?’; ‘Se não há evento?’; ‘Se está a ocorrer?’; ‘O que está a ocorrer?’; ‘O que podem fazer?’; ‘O que é que não podem fazer se se deslocarem a Óbidos?’. Nós o ano passado nas ações que fizemos, das poucas ações que

fizemos *pop-up* na vila em que as transmitimos em direto em vídeo nas nossas redes sociais, todas elas tiveram milhares de visualizações. Há pessoas que veem 3 segundos, 5 segundo, 10 segundos, outras que vêm tudo, mas acho que quando nós estamos a fazer e temos milhares de visualizações, pelo menos o nome de Óbidos e o nome do evento é avivado e faz com que as pessoas continuem a ter interesse, a despertar o interesse em ir a Óbidos. Ainda ontem nós, aqui no âmbito do Mercado Medieval, tivemos danças antigas da terra da Charneca da Caparica, e o que aconteceu foi que houve muito interesse daqui, das pessoas que estavam em Óbidos, despertou muito interesse nas pessoas em verem as atuações, e os vídeos que nós colocámos em direto têm milhares de visualizações o que expressa que as pessoas estão interessadas e que continuam a querer voltar a Óbidos porque grande parte dos comentários é: ‘ou já vieram, já cá estiveram, esperam voltar’. E, por isso, nós temos a certeza de que quando voltarmos novamente ao efetivo os nossos eventos irão atrair novamente milhares de visitantes, porque as pessoas também estão desejosas novamente de terem uma vida normal. [Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A antepenúltima e penúltima intervenções por parte da entrevistadora deram liberdade ao entrevistado para acrescentar, num primeiro aspeto o que pretendia acrescentar sobre o impacto da Covid-19, que, por parte do entrevistado relacionou-se com a análise da economia local que sofreu com a não realização dos eventos culturais, mencionou que

A não realização destes eventos, para além de ter impacto direto sobre a empresa, também tem um impacto direto sobre a própria economia. Óbidos é uma vila que tem relativamente pouca gente, muito pouca gente a viver, e, por conseguinte toda a parte comercial vive dos visitantes e não é a mesma coisa do que uma cidade grande ou média em que os cafés continuam a ter pessoas a lá irem, os seus clientes normais, aqui não há esses clientes fidelizados, porque são clientes de passagem, são visitantes que vêm de outros pontos do país ou do mundo e por isso houve um grande impacto sobre a parte económica/financeira do setor da restauração, da parte do comércio, do alojamento, todas as atividades da animação turística, todas tiveram grandes consequências pela não realização dos eventos. Há pessoas que vêm do estrangeiro para virem aos nossos eventos, vem de outros cantos do país e acabam por pernoitar nos nossos hotéis ou nos hotéis dos concelhos limítrofes, como é o caso das Caldas [Caldas da Rainha], do Bombarral, de Peniche, e que no ano passado se viram privados desses visitantes. [Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A última intervenção contou com um desafio por parte da entrevistadora ao entrevistado, onde era pedida uma projeção do futuro, o que pode vir a acontecer aos eventos culturais de Óbidos e congruentemente à Vila em si, ao qual Alexandre respondeu

Nós não sabemos neste momento o que é que vai acontecer no futuro, como é que vai ser, nós sabemos daquilo que o Governo nos vai informando. Sabemos neste momento que há possibilidade de setembro/outubro deixarmos de ter máscaras, de haver

confinamentos, de haver restrições, mas as restrições certamente vão acontecer e vamos ter todos de nos adaptar às novas regras, à nova forma de viver. Ainda ontem estava em Óbidos a ver esta atuação e estavam centenas de pessoas, se calhar até milhares, nós tínhamos os parques de estacionamento praticamente cheios, e isso quer dizer que estava muita gente e quando voltarmos certamente, não digo que podemos crescer, porque há muita gente que se calhar ainda vai ter receio de sair de casa, mas vamos certamente manter o mesmo número de pessoas em Óbidos que tínhamos antes da crise pandémica. [Entrevista a Alexandre Ferreira, Administrador Executivo da Empresa Municipal Óbidos Criativa, 2 de agosto de 2021]

A entrevista finalizou-se com um comentário otimista por parte da entrevistadora, corroborado pelo entrevistado. Seguiu-se também um agradecimento pelo tempo despendido e pela disponibilidade e abertura de resposta de Alexandre Ferreira.

3.5. Terceiro Momento da Pesquisa de Terreno

Uma vez que as seguintes entrevistas seriam de abordagem rápida e curta, não houve necessidade por parte da entrevistadora de proceder às gravações das mesmas. A retirada de notas e a escrita no caderno de bordo foi o suficiente para que todas as questões fossem respondidas. As entrevistas decorreram sobre uma amostra de 7 indivíduos no dia 3 de agosto de 2021.¹²

Todas as abordagens foram iniciadas com uma breve apresentação da entrevistadora, como também uma explicação sobre o objetivo da entrevista. Havendo sempre uma abertura e disponibilidade demonstradas por parte dos entrevistados para responderem às questões. E terminaram com um agradecimento por parte da entrevistadora.

A primeira abordagem deu-se no Posto de Turismo da vila de Óbidos. A entrevistadora questionou as duas funcionárias com a primeira pergunta. Começaram por evidenciar o número de autocarros e de visitantes na vila em cenário pré-pandémico, onde afirmaram que, sem base estatística, existiam cerca de 40 autocarros turísticos por dia e uma média de 1000 visitantes diários. A resposta à segunda questão surgiu de forma natural como termo de comparação do antes e do agora, à qual as funcionárias

¹² O guião utilizado nas entrevistas do segundo grupo focal está disponível em anexo para consulta na figura 9.

responderam que a pandemia teve muito impacto na Vila. Em comparação ao que se passava antes, neste momento a vila contava com 2/3 autocarros turístico e uma média de 100 visitantes diários. Outras das diferenças que apresentaram foi a existência de mais carros particulares com visitantes singulares, famílias e grupos de pequenas dimensões em contrapartida ao vivido outrora onde as excursões eram mais comuns. À semelhança destes testemunhos e relativamente à terceira e quarta questões, as entrevistadas afirmaram que 2020 foi um ano complicado, uma vez que foi um ano parado, onde elas também estiveram em *layoff* em casa sem trabalhar durante os confinamentos, uma vez que o Posto Turismo estava encerrado. Outros dos aspetos abordados pelas funcionárias foi a reação do público, seja através dos contactos telefónicos disponíveis e das redes sociais, em que afirmam que as pessoas perguntam que eventos culturais estão a acontecer, o que se está a passar na vila, o que está aberto e fechado, entre outras perguntas, assim como a reação de tristeza que tinham após saberem que os eventos estavam a ser cancelados ou adiados.

A segunda abordagem aconteceu numa loja de comércio de produtos regionais inserida dentro do Espaço Ó (Espaço de Ativação Comunitária), onde a entrevistadora conversou com o funcionário da loja. A primeira pergunta foi respondida de forma ligeira, afirmando que o cenário pré-pandémico era bom e as vendas eram maiores por consequência do número de visitantes que iam à vila. Em relação às questões números dois e três, o entrevistado respondeu que efetivamente houve um impacto na vila e consequentemente no emprego dele, mas neste caso o comerciante revela que o facto de não haver eventos culturais faz com que os poucos visitantes que visitam a vila em vez de comprarem produtos no evento, comprem na loja dele e até consumiram mais. Em relação à parte emocional, o entrevistado preferiu não desenvolver o raciocínio, como também não acrescentou mais informação ao seu testemunho.

A terceira abordagem aconteceu no espaço Ponto Ó, um espaço camarário que pertence ao Espaço Ó, destinado ao desenvolvimento cultural e comunitário. A entrevistadora entrevistou a funcionária do respetivo espaço. Foi uma conversa mais longa e intensa do que as restantes, onde foi falado um pouco de tudo em relação à vila de Óbidos, desde o tempo em que a entrevistada começou a trabalhar para a Câmara Municipal de Óbidos e o conhecimento que adquiriu ao longo do tempo através da experiência individual e da partilha de experiências, como a própria mencionou, o que respondeu à primeira questão, afirmando que a Vila teve uma evolução drástica desde o

início do século XXI relativamente à dinâmica cultural nomeadamente através da organização de eventos. Uma das críticas apresentadas sobre o panorama pré-pandémico na vila, a entrevistada menciona as bancas, os expositores de lojas e as esplanadas espalhadas por toda a Vila, defendendo a ideia de que estavam a tirar a beleza do património das ruas, evidenciando que por vezes era demais o espaço físico ocupado por estes objetos, utilizando a seguinte expressão: “As lojas vieram para a rua.”. Relativamente à segunda questão a entrevistada mencionou que a pandemia teve um impacto muito grande na vila. Uma vez que a quantidade de habitantes residentes permanentes é cada vez menor, as ruas da Vila durante os confinamentos estavam desertas, e as poucas pessoas com quem se ia cruzando não tinham um discurso otimista, em relação aos negócios como, por exemplo, como também ao contexto da vida privada e pessoal, muitas das vezes era o fator financeiro que estava a causar preocupação. À terceira questão respondeu que a sua situação profissional não se alterou, ou seja, não esteve em *layoff*, nem teletrabalho e, por conseguinte, deslocou-se normalmente todos os dias para o posto de trabalho, o que lhe proporcionou uma visão completa e abrangente do que realmente se passou durante os períodos de confinamento e das transições entre esses períodos e o regresso à abertura regulamentada dos negócios da vila. A nível emocional e psicológico, e como resposta à quarta questão, a entrevistada afirmou que a Vila estava deserta e que lhe custava assistir a tal cenário. Mencionou um sentimento mútuo que se caracterizava gratificante contrariamente ao silêncio e tristeza que sentia. Curiosa a entrevistadora perguntou sobre o porquê do sentido de gratificação, pergunta à qual a entrevistada respondeu que já de alguns anos até ao presente momento que sente que a vila está a ser sobreexplorada, seja através da sobrecarga de visitantes, da sobrecarga de eventos culturais, da sobrecarga de cafés restaurantes, lojas e alojamentos espalhados pela vila e acima de tudo das transformações e desgaste patrimoniais que estão a acontecer pelo Castelo. Um dos aspetos que a entrevistada acrescentou no final do seu discurso foi o facto de que muitas vezes não existir uma ligação entre o comércio local e os eventos culturais que estão a ser produzidos a cada momento, como se não existisse um ambiente harmonioso entre o comércio da vila, fora da cerca do Castelo, e dentro da cerca do Castelo, onde se realiza a maior parte dos eventos. A entrevistada deixa também um conselho à organização dos eventos de repensar os eventos e criar mais diálogo com o comércio local da vila.

A quarta abordagem aconteceu com uma conversa com a funcionária da livraria de São Tiago. À primeira questão a entrevistada respondeu que a livraria tinha muitos leitores diariamente, inclusive existiam mais clientes durante o acontecimento dos eventos na Vila, o que serve de resposta à segunda questão sobre o impacto da ausência do acontecimento dos eventos culturais, uma vez que sem eles a acontecerem há menos clientes, logo existem menos procura e vendas. A entrevistada mencionou que esteve em *layoff* e a livraria esteve fechada durante os períodos de confinamento. Para além da diferença que a pandemia trouxe ao funcionamento habitual da livraria, a entrevistada menciona que também ela sentiu o impacto da pandemia nos períodos de retoma afirmando que a vila estava deserta e por essa razão era uma visão triste, e que surgiam pensamentos negativistas em relação ao futuro.

A quinta abordagem aconteceu com a entrevista a uma funcionária de uma loja de comércio local da Rua Direita. Respondendo à primeira questão a entrevistada menciona que a loja estava a vender muito bem antes da pandemia e que os clientes eram maioritariamente turistas estrangeiros que investiam bastante na compra de artigos locais. A resposta à segunda pergunta surge precisamente encaminhada pela afirmação anterior em que a funcionária afirma que existiu um impacto negativo ligado à pandemia na vila e sucessivamente uma consequência negativa para o negócio da patroa da lojista, como a própria referiu, e que efetivamente o tipo de clientes neste momento não são iguais aos que costumavam comprar, agora a origem dos clientes é maioritariamente portuguesa e, segunda a entrevistada, os novos clientes não investam tanto na compra dos produtos. Ao nível emocional, a entrevistada, mencionou um sentimento contraditório, uma vez que estava triste por toda a situação por a qual a vila estava a passar, estando fechada e as dificuldades pelas quais a patroa estava a ultrapassar, assim como um sentimento de frustração na maioria dos dias por ter poucos clientes e, conseqüentemente, não obter tanto lucro como antes acontecia. Mas ao mesmo tempo, estando em casa em regime de *layoff* durante os confinamentos, sentiu-se livre.

A sexta abordagem foi a entrevista a um trabalhador artístico de rua da vila de Óbidos através da performance de estátua viva. Sobre o cenário pré-pandémico na vila, o entrevistado menciona que a vila era um espaço com muita vida, muitos visitantes de origem portuguesa, mas a maioria eram estrangeiros. Em resposta à segunda questão, o artista afirma que efetivamente houve uma alteração na dinâmica da vila. A vila é visitada por menos turistas, evidenciando até que o verão do ano 2020 tinha tido mais turistas do

que o verão de 2021 até ao momento da entrevista. O entrevistado também alude para o facto de que agora a maioria do público que visitava a vila e, que, conseqüentemente passava por ele, são visitantes de origem portuguesa e emigrantes, sem rigor estatístico acrescentou que a percentagem seria de aproximadamente 90%. A resposta à terceira questão relacionou-se com a resposta à quarta pergunta evidenciando que a sua situação profissional se alterou como consequência da pandemia, uma vez que antigamente passava a maior parte do seu tempo de trabalho a trabalhar na vila e que agora, infelizmente não era suficiente, o que acabou por fazer com o artista tivesse de executar a sua profissão não só animando as ruas da vila de Óbidos, como também nouro tipo de eventos e de locais fora da vila, o que provoca, segundo o entrevistado, sentimentos de frustração e de resiliência, assim como transforma a sua capacidade enquanto artista performativo de adaptação pessoal aos variados contextos.

A sétima abordagem decorreu da entrevista a uma das funcionárias de um dos mais famosos e antigos alojamentos hoteleiros da vila de Óbidos, a Albergaria Josefa d'Óbidos. A entrevistada respondeu de uma forma ligeira à primeira questão, afirmando que o funcionamento da Albergaria funcionava de forma normal, com maior afluência por parte de visitantes durante o acontecimento de eventos culturais e durante os meses de verão, durante a época alta. À segunda pergunta a funcionário mencionou que a pandemia teve um grande impacto na vila e principalmente a falta de eventos culturais. Respondendo à terceira questão a funcionária evidencia que a Albergaria teve uma maior adesão por parte de hóspedes no verão de 2020 do que no verão de 2021 até à data da entrevista, enfatizando que o mês de junho de 2021 foi muito mau em termo de reservas, enquanto o mês de julho já foi melhor e inclusivamente o mês de agosto que estava a ser muito bom, defendendo que esta crescente afluência advinha das iniciativas culturais que estavam a ser desenvolvidas na vila. Ao nível emocional, a funcionária menciona que devido à pandemia a Albergaria esteve encerrada durante os dois confinamentos, o que fez com que a todos os funcionários estivessem em regime de *layoff*, o que segundo a própria afirma que foi difícil e frustrante.

Conclusão

A seguinte conclusão pretende apresentar uma síntese do desenvolvimento da dissertação sobre o tópico estudado, tendo em conta a realidade vivida atualmente com o auxílio dos instrumentos de pesquisa.

Começando por mencionar uma perspetiva, a investigação desenrolou-se de forma fluída, desde a pesquisa teórica dos conceitos e o que já foi estudado sobre o tema, apesar de ser um tema que pelo seu contexto pandémico, ainda não tenha sido estudado academicamente da forma como é apresentado ao longo da dissertação. É importante relembrar que parte dos resultados da investigação desenvolvida é também baseada no conhecimento pessoal ao longo dos anos e da relação de proximidade com a Vila, nomeadamente na comparação dos cenários pré-pandemia e atualidade.

O aparecimento da pandemia originada pela Covid-19 trouxe consigo uma viragem para o virtual, o digital e o online como alternativa ao funcionamento da sociedade como até agora o conhecíamos. Esta revolução não aconteceu só no campo cultural, como também noutras áreas da sociedade. Por exemplo: a implantação do teletrabalho durante os períodos de confinamento, o que em muitos casos alterou toda a dinâmica para alguns postos de emprego, visto que algumas empresas e repartições públicas mantiveram o teletrabalho mesmo depois destes períodos, por opção própria; o tratamento de burocracia, como a renovação de documentos de identificação pessoal, entre outros, que neste momento é possível realizar online, sem sair de casa; a restauração também se reinventou, apesar de o setor ter estado encerrado durante certos momentos por declaração do Estado de Emergência, modificou-se e alargou o campo de ação, nomeadamente com a expansão das entregas de refeições ao domicílio através de algumas companhias como a UberEats e a Glovo, que deixaram de estar centralizadas somente nas grandes cidades e passaram a atuar em mais cidades do nosso país; também o setor do comércio aumentou a modalidade das encomendas online e as facilidades de entrega ao domicílio, seja por lojas ou por grandes superfícies comerciais de bens alimentares, prevenindo assim que as pessoas se deslocassem aos locais comerciais, até porque alguns deles também estiveram encerrados.

A pandemia afetou todas as áreas do quotidiano da sociedade, e o campo da cultura não foi exceção, pelo contrário. O setor artístico, criativo e cultural foi um dos mais

afetados pelo impacto da pandemia Covid-19 a todos os níveis. Desde logo porque viu todos os eventos serem cancelados ou adiados, instalações fechadas, artistas e técnicos parados, entre outras mudanças. Como se a arte tivesse sido obrigada a parar. Houve, de certo modo, uma necessidade de reinventar a cultura, ajustando-a ao contexto e à sociedade. É importante realçar que a cultura não parou durante o contexto pandémico e respetivamente nos períodos de confinamento, porém tornou-se algo diferente, não perdendo o seu valor e significado, na minha opinião. A música, o entretenimento, as peças de teatro repetidas passadas na televisão em horário nobre, e outros programas e atividades ajudaram a que muitos indivíduos se alienassem e se abstraíssem do seu estado de saúde, por exemplo, ou até por vezes, esquecer a sua realidade e condição humana onde se encontravam. Segundo Landry (2000)

Culture helps us to adapt to change by anchoring our sense of being; it shows that we come from somewhere and have a story to tell; it can provide us with confidence and security to face the future (Landry, 2000, p. 39).

Seguindo a ordem dos capítulos pretendo agora sintetizar as principais conclusões.

Um dos aspetos principais do capítulo 1 é o subcapítulo 1.1., onde são trabalhados os conceitos de cultura-mundo e cibercultura. Estes dois conceitos são muito atuais para a época que estamos a viver. A pandemia veio realçar a ascensão da tecnologia como facilidade de acesso à cultura, a níveis nacional e internacional. Devido à pandemia a sociedade foi obrigada a estar fechada em casa em períodos de confinamento por questões de segurança e de higiene pública, todas as atividades de lazer e culturais pararam, por esse motivo a cultura reinventou-se a nível online. A vertente online teve de ser reprogramada em tempo recorde uma vez que no período que estamos a passar, o mundo modificou-se de um momento para o outro, sem grande tempo de adaptação. Para além das vantagens apresentadas anteriormente das alternativas online culturais e não só, que surgiram, também é apresentada uma questão enfatizada por Pierre Lévy (1999) que se coloca sobre “Questões urbanísticas e políticas da cibercultura: como articular a virtualidade do ciberespaço e a territorialidade da cidade?” (1999, p. 112). Neste caso específico quando aconteceram os confinamentos, as cidades ficaram paradas, ou seja, não houve uma necessidade de criar relação direta entre o virtual e o espacial. Considero que esta relação deverá ser cimentada agora que a situação pandémica está a melhorar e que o quotidiano pré-pandémico está a voltar ao que era progressivamente, não separando

o virtual do espacial, mas sim criar estratégias em que ambos se completem e não sejam antagônicos. Lévy acrescenta que

O desenvolvimento do digital é, portanto, sistematizante e universalizante não apenas em si mesmo, mas também, em segundo plano, a serviço de outros fenômenos tecno-sociais que tendem à integração mundial (Lévy, 1999, p. 113).

O virtual consegue ligar pessoas e culturas que estão a quilômetros de distância, num ambiente de partilha e de vivência de novas experiências, o que permite a possibilidade do surgimento de uma cultura mundo, de uma cultura partilhada e acessível a muitos, não como um cânone, mas como um ponto de partida para algo mais.

Em relação ao subcapítulo 1.2., sobre as políticas culturais e segundo Augusto Santos Silva (2007), “As câmaras municipais têm sido mais recetoras do que produtoras de política cultural” (2007, p. 14), no caso específico do Município de Óbidos não é isso que acontece, antes pelo contrário, a autarquia é maioritariamente produtora, e parceira da Empresa Municipal Óbidos Criativa na organização dos eventos turísticos e culturais como a dra. Paula Ganhão e Alexandre Ferreira nos elucidaram. Santos Silva enfatiza que “Em primeiro lugar, a dinâmica de crescimento da intervenção municipal no setor da cultura e do seu papel na conformação da oferta e procura cultural” (2007, p. 22). O que o autor afirma relativamente ao que acontece na Câmara Municipal de Cascais no que toca à manutenção das medidas autárquicas culturais independentemente da liderança política, como um exemplo de uma boa conduta política cultural. O que acontece na Câmara Municipal de Óbidos é um pouco diferente. Praticamente desde o início do século que o partido político não se altera, e como os principais eventos culturais são organizados pela EM Óbidos Criativa, o papel da CMO de não é tanto a criação, mas de apoio à organização, exceto o Festival Internacional Literário de Óbidos que é organizado pela CMO, e esse nasceu em 2015 e foi uma iniciativa camarária.

O subcapítulo 1.3. relacionado com as indústrias criativas é provavelmente o mais importante par ao estudo em questão, mais propriamente para a dinâmica criativa e cultural da Vila de Óbidos. Pedro Quintela e Claudino Ferreira (2018) classificam a “Visão da cultura enquanto ‘alavanca’ de desenvolvimento territorial e socioeconómico” (2018, p. 93)¹³. Foi isso mesmo que aconteceu em Óbidos, e um dos marcos mais

¹³ “Na região de Lisboa e Vale do Tejo foram igualmente promovidos estudos de mapeamento do SCC e delineadas estratégias para o desenvolvimento das indústrias criativas, pensadas à escala urbana, metropolitana e regional (Carvalho & Corvelo, 2013; Costa 2009, 2017; André & Vale, 2012), abrangendo

importantes para o ponto de partida da expansão cultural da vila foi a iniciativa das 7 *Maravilhas de Portugal*, de que Óbidos foi eleito logo no primeiro momento em 2007. A partir dessa data a iniciativa tem promovido a identidade nacional em várias áreas, como por exemplo as 7 maravilhas da cultura popular, as 7 maravilhas da gastronomia, as 7 maravilhas naturais de Portugal, entre outros. Malcolm Miles também evidencia esta ideia de utilizar o património e o significado histórico de um lugar para o enfatizar a nível artístico e cultural, o que por sua vez e de forma natural expande o turismo naquele respetivo local e pode promover toda a região periférica.¹⁴

Relativamente ao capítulo 2, sobre a metodologia, considero que a metodologia foi adequada para atingir os objetivos inicialmente estruturados, no sentido que, através do método de investigação escolhido, muita da informação foi clarificada e especificada oferecendo as respostas a todas as questões que estavam pré-definidas e que foram, de forma natural, surgindo.

Começo por concluir a análise do subcapítulo 3.1., a página de Facebook do Município de Óbidos. Como fonte sólida, verídica e imparcial, para o auxílio ao desenvolvimento de uma investigação orientada, coesa e fiel ao contexto vivido, apresenta potencialidades e fragilidades. Como potencialidades podemos aferir as seguintes: a facilidade de acesso a partir da internet; o facto de estar em constante construção e atualização; a utilização de linguagem acessível e clara; as partilhas que são feitas tanto a partir do Óbidos Diário, como de outras hiperligações importantes e diretas a sites e a páginas relacionadas com o assunto em pesquisa; entre outras. Como fragilidades podemos aferir as seguintes: a origem da informação pode não ser imparcial pelo motivo de ser o gabinete de comunicação da CMO o moderador da página, controlar

não só a capital do país, mas também cidades próximas, como Cascais (Costa, 2007b) e Óbidos (INTELI, 2011). Como seria exetável, todos estes diferentes estudos confirmam a existência de um enorme potencial para o desenvolvimento do SCC nos territórios em análise e, em geral, demonstram uma grande confiança e entusiasmo na sua capacidade para competir internacionalmente. Através da produção de um conjunto de evidências técnico-científicas, estes diversos relatórios foram ainda decisivos para sustentar politicamente o apoio público a variados projetos e iniciativas na região de Lisboa e Vale do Tejo.”, (Quintela e Ferreira, 2018, p. 98).

¹⁴ “A ambição de muitos desses projetos envolvendo instituições e zonas culturais emblemáticas é atrair o turismo cultural, que explora a arte e o património de forma a incentivar profissionais e empresários a visitar a cidade durante um fim de semana ou a prolongar a sua estadia após uma convenção de negócios ou um congresso, estimulando, assim, a atividade económica em hotéis, restaurantes, boutiques e lojas de museus. Tudo isto cria emprego, mas o impacto não é tão positivo como poderia parecer, porque muito desse emprego é não qualificado, de baixa remuneração e a tempo parcial, em ser- viços de restauração e segurança (Loftman e Nevin, 1998).”, (Miles, 2012, p. 15).

tudo o que é publicado na página, conseguindo também controlar os comentários que são feitos pela audiência, simplesmente apagando-os ou ocultando-os; eliminar os próprios usuários da plataforma, tendo o poder de bloquear utilizadores, denunciando-os com uma qualquer justificação; a falta de feedback que existe na página por parte do público, as reações são escassas, os comentários são poucos, não existe uma continuidade de conversa entre o emissor/recetor e recetor/emissor, ou seja, por vezes existe uma falta de esclarecimento de dúvidas e de resposta a algumas perguntas por parte da instituição; outro ponto fraco que apresenta, neste contexto, mais importante para o estudo, é a ênfase das publicações em certas áreas sociais e não tanto na área cultural; entre outras fragilidades. Concluo assim que a fonte apresenta mais fragilidades que potencialidades, não transcurando que esta rede social é um bom e valioso meio de comunicação informal, mas que não chega como verdade absoluta da realidade vivida.

No que à conclusão dos três momentos de pesquisa de terreno diz respeito, com os seguintes parágrafos, pretendo transmitir o que observei na vila, e as entrevistas realizadas.

Sobre o primeiro momento o que mais me marcou foi efetivamente a ausência de visitantes e turistas na vila tornando-a, para quem observa de forma externa e com conhecimento sobre o que era a vila em contexto pré-pandémico e do número de visitantes diários que eram recorrentes ver a passear, algo muito estranho e de real ênfase relativamente ao panorama vivido atualmente.

O segundo momento de terreno, as entrevistas a Paula Ganhão e Alexandre Ferreira, foram distintas no seu conteúdo, como seria de esperar, uma vez que tinham objetivos diferentes, embora complementares.

A primeira entrevista foi realizada a Paula Ganhão, que pelo lugar político e cultural que ocupa na CMO respondeu de forma concisa às questões relacionadas com as medidas autárquicas que foram tomadas desde que a vila parou devido à pandemia e todos os apoios e projetos novos que surgiram, alguns como alternativa inovadora ao cenário vivido.

A segunda entrevista com Alexandre Ferreira focou-se maioritariamente na EM Óbidos Criativa e quais as consequências que surgiram devido à pandemia. Mencionou que os eventos que a empresa desenvolve anualmente não são tanto de caráter cultural,

mas sim de caracteres turístico e de entretenimento. Um aspeto que descordo, uma vez que os eventos representam Óbidos de alguma forma, fazem parte da marca que é a vila de Óbidos, tem uma influência direta na economia local, são organizados de forma regular, anualmente, e são considerados eventos de grande calibre de tal forma que atraem público nacional e internacional. Para além de considerar que os eventos são eventos culturais e argumentando com todos os pontos mencionados anteriormente, é possível concluir que os eventos desenvolvidos na vila de Óbidos, começam a fazer parte da tradição da vila e acima de tudo da tradição da comunidade local e do nome de Óbidos em si, e este aspeto é cultural.

O que senti enquanto estavam a decorrer as entrevistas é que apesar do contexto pandémico que afetou de forma crucial a realização dos eventos típicos, há uma esperança e um sentimento positivo para o futuro para as componentes cultural e criativa da vila de Óbidos, assim como novos projetos que por razões óbvias foram adiados.

O terceiro momento de terreno foi o mais interessante de desenvolver do ponto de vista pessoal. O que observei efetivamente é que os comerciantes e trabalhadores locais têm uma visão diferente sobre os eventos culturais em contexto pré-pandémico. Segundo a maioria daqueles que tive a oportunidade de entrevistar, não sentem que fazem parte do evento, não se sentem parte integrante do acontecimento. O que eles fazem, talvez por uma questão de atrair mais clientes é efetivamente decorar os seus espaços de negócio, inclusivamente os funcionários utilizam trajes alusivos aos vários temas relativos a cada evento cultural. Outro aspeto que me despertou mais a atenção foi o facto de que alguns deles estão mais satisfeitos a nível com a não realização dos eventos, uma vez que as pessoas não comprando o bilhete do evento e não gastando dinheiro dentro do recinto do evento, compram mais nas lojas locais e consomem mais no setor da restauração presente ao longo da vila.

Em suma, as componentes cultural e criativa da vila de Óbidos foram afetadas pela pandemia Covid-19 de uma forma negativa, não só através do cancelamento ou adiamento dos eventos culturais que anualmente estavam programados e realizados, como também nos períodos em que não estavam projetados eventos. Apesar das inúmeras tentativas, por parte de várias entidades, de implementar a alternativa online como uma via de comunicação e como uma presença assídua e contínua da marca Óbidos enquanto vila histórico-cultural, o efeito foi muito diminuto uma vez que não substituiu a realização

física efetiva dos eventos, não obteve o mesmo impacto cultural na sociedade, o que permite retirar as seguintes conclusões: ou de que a cultura em Óbidos devia ponderar reinventar-se para enfrentar os tempos futuros; ou de que quando os eventos culturais voltarem a ser realizados de forma como eram em contexto pré-pandémico, presenciais, tenham muito mais sucesso e fama do que tinham, até porque houve mais tempo para os projetar, organizar e concretizar de forma inovadora.

Bibliografia

- BANKS, Mark (2020), “The work of culture and C-19”, in *European Journal of Cultural Studies*, UK, pp. 1-7.
- BLENKINSOP, Lisa (2010), “The Internet: virtual space”, in Barber, Sarah e Peniston-Bird, Corinna (ed.), *History Beyond the Text - A Student's Guide to Approaching Alternative Sources*, Routledge, Nova Iorque, pp. 122-135.
- BOTELHO, Joaquim da Silveira (1997), *Óbidos – Vila Museu*, Câmara Municipal de Óbidos, Óbidos.
- BRYMAN, Alan (2012), *Social Research Methods*, Oxford University Press, Nova Iorque.
- COSTA, António Firmino da (1997), “políticas culturais: conceitos e perspetivas”, in *Observatório das Atividades Culturais*, OBS nº2, pp. 10-14.
- CRESWELL, John W. (2007), *Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*, Artmed e Bookman, São Paulo.
- ELIOT, T. S. (1973), *Notes towards the Definition of Culture*, Faber and Faber Limited, Londres.
- FERREIRA, Nuno Miguel da Silva (2011), “Turismo: Uma oportunidade para Óbidos”, Dissertação de Mestrado em Turismo, Lisboa Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- HESMONDHALGH, David (2008), “Cultural and Creative Industries”, in Bennett, Tony e Frow, John (ed.), *The Sage Handbook of Cultural Analysis*, British Library, Londres, pp. 532-569.
- LANDRY, Charles (2000), *The Creative City: A Toolkit for Urban Innovators*, Earthscan, Londres.
- LÉVY, Pierre (1999), *Cibercultura*, Editora 34, São Paulo, pp. 111- 121.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean (2010), *A Cultura Mundo: Resposta a uma Sociedade Desorientada*, edições 70, Lisboa, pp. 11-37.
- MATARASSO, François (2019), *Uma Arte Irrequieta*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 33-135.
- MCROBBIE, Angela (2011), “Re-Thinking Creative Economy as Radical Social Enterprise”, *Variant 41*, Spring 2011, pp. 32-33.

- MILES, Malcolm (2012), “Uma cidade pós-criativa?”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 99, pp. 9-30.
- NOBRE, Sofia Isabel do Couto (2010), “O papel dos Eventos Culturais como fator de Renovação da oferta Turística. Um estudo de caso no Óbidos Vila Natal.”, Dissertação de Mestrado em Sociologia, Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
- REIS, João (2012), “Estudo de Caso – Óbidos”, in André, Isabel e Vale, Mário (coord.), *A Criatividade Urbana na Região de Lisboa*, Lisboa, IGOT-Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, pp. 197-210.
- SANTOS, Paulo Alexandre Marques (2011), “O Turismo em Óbidos: Dos anos 70 ao presente.”, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Lisboa, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
- SILVA, Augusto Santos (2007), “Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro”, in *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 54, pp. 11-33.
- QUINTELA, Pedro e FERREIRA, Claudino (2018), “Indústrias culturais e criativas em Portugal: um balanço crítico de uma nova ‘agenda’ para as políticas públicas no início deste milénio”, in *Revista Todas as Artes*, Vol. 1, n.º 1, pp. 88-110.
- WILLIAMS, Raymond (2015), *Keywords – A vocabulary of culture and society*, Oxford University Press.

Fontes

Link oficial da página da rede social Facebook do Município de Óbidos, <https://pt-pt.facebook.com/municipiodeobidos/>, consultado em 14.03.2021.

Link oficial do *site* da Câmara Municipal de Óbidos, <https://www.cm-obidos.pt>, consultado em 14.03.2021.

Link oficial da *site* do agrupamento de escolas Josefa de Óbidos, <https://escolasdobidos.com/>, consultado em 14.03.2021.

Revista “RIO – Revista Informativa de Óbidos”, #50, junho de 2021, Câmara Municipal de Óbidos. Disponível online em <https://www.cm-obidos.pt/rio-50>, consultada em 04.08.2021.

Entrevistas

Paula Ganhão entrevistada a 21 de abril de 2021 por videochamada Zoom.

Alexandre Ferreira entrevistado a 2 de agosto de 2021 por videochamada Zoom.

Funcionárias do Posto de Turismo da vila de Óbidos entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Funcionário de uma loja de comércio local entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Funcionário dos serviços administrativos da CMO entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Funcionária da livraria de São Tiago entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Funcionária de uma loja de comércio local entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Artista de rua da Vila de Óbidos entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Funcionária de alojamento hoteleiro entrevistadas a 3 de Agosto de 2021 via presencial.

Anexos



Figura 4 – Conjunto de capturas de ecrã retiradas da página oficial do Facebook do Município de Óbidos sobre medidas interventivas e informações relacionadas ao primeiro confinamento em março de 2020.



Figura 5 – Conjunto de capturas de ecrã retiradas da página oficial do Facebook do Município de Óbidos sobre o anúncio do cancelamento de eventos culturais da vila durante o ano de 2020.

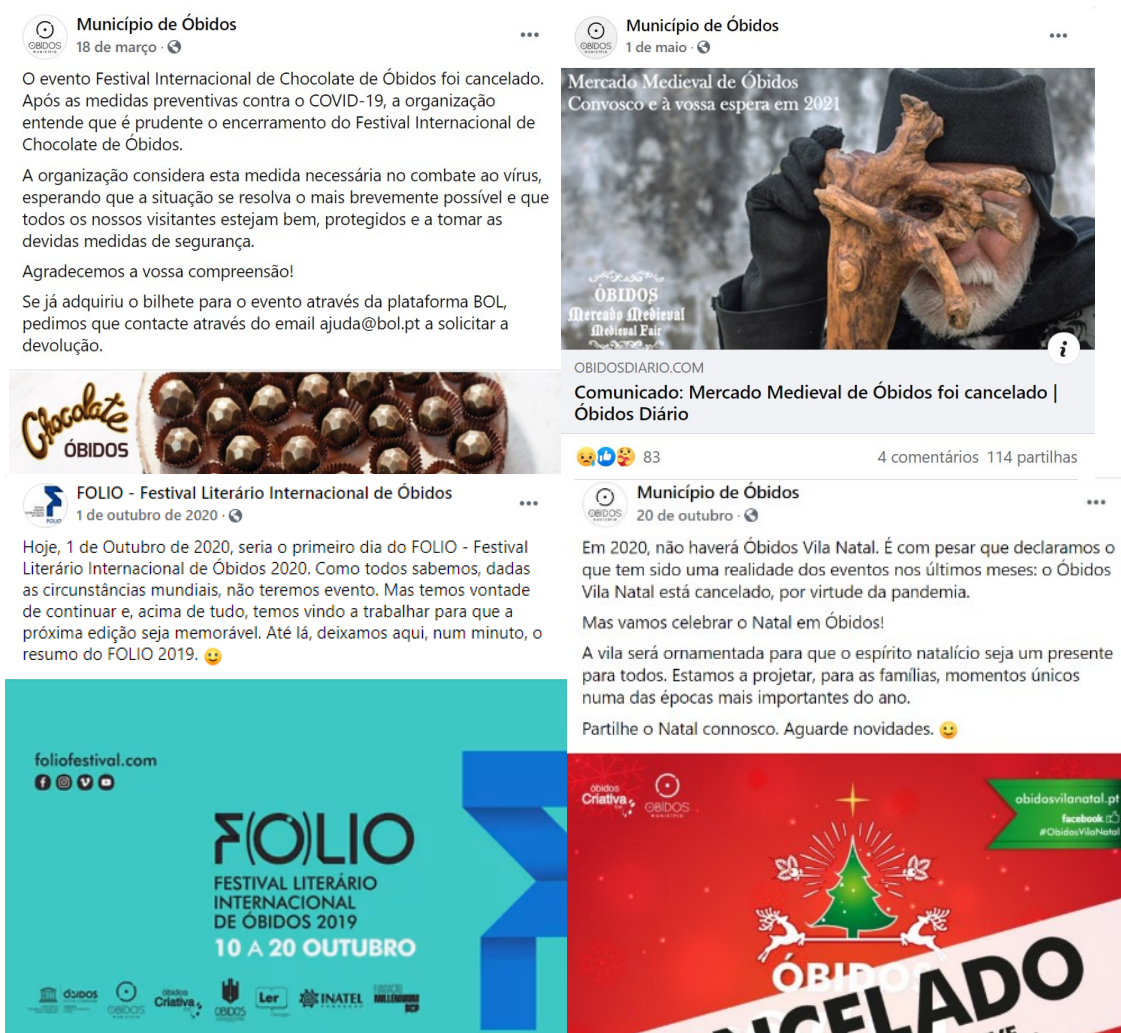


Figura 6 – Conjunto de capturas de ecrã retiradas da página oficial do Facebook do Município de Óbidos sobre o anúncio do cancelamento dos principais eventos culturais da vila durante o ano de 2020.

Município de Óbidos
22 de maio · 🌐



OBIDOSDIARIO.COM

Espaço Ó apresenta concerto online com os Bjazz | Óbidos Diário

19 6 partilhas

Município de Óbidos
3 de julho · 🌐



OBIDOSDIARIO.COM

Espaço Ó apresenta concerto online com o Grupo Coral "Alegria da Nossa Terra" | Óbidos Diário

20 16 partilhas

Município de Óbidos
17 de outubro · 🌐

Reveja aqui os principais momentos do Festival Literário Internacional de Óbidos 2019. Foram muitas iniciativas em 11 dias, as quais resumimos aqui em alguns minutos. 😊



VIMEO.COM

FOLIO 2019 \\\ Aftermovie

This is "FOLIO 2019 \\\ Aftermovie" by FOLIO FESTIVAL on Vimeo, t...

5 2 partilhas

Município de Óbidos
1 de julho · 🌐

O grupo amador de teatro da freguesia do Olho Marinho, Teatro Olho d'Água, iniciam uma rádio-teatro via zoom. Uma iniciativa que surge em prol do dia mundial das Bibliotecas, hoje dia 1 de julho de 2020, mas que se prolongará nos próximos meses.

Esta rádio decidiu prolongar-se devido ao facto de não conseguirmos ler todos os poetas populares que existem neste concelho e nomeadamente nesta freguesia.

O objectivo desta rádio é incentivar à leitura de poetas populares e também dá-los a conhecer a quem ainda não teve a oportunidade de os conhecer.



Município de Óbidos
13 de abril · 🌐



NOVOS DESAFIOS

Crescer Melhor em parceria com a Rede de Museus e Galerias de Óbidos

Autorretrato de Eduardo Malta

FACEBOOK @MuseusdeObidos @obidoscrescermelhor 09h30

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS

Reinterpretação do autorretrato de Eduardo Malta

Município de Óbidos
3 de setembro · 🌐

Vem aí um "escape game" ao ar livre pelas ruas de Óbidos. Pode ser feito a pé, mas também existe uma versão mais longa para fazer de bicicleta. Quer participar? Leia o artigo 😊



NIT.PT

Vem aí um escape game ao ar livre pelas ruas de Óbidos. Pode ser feito a pé, mas também existe uma versão mais longa par...

Figura 7 – Conjunto de capturas de ecrã retiradas da página oficial do Facebook do Município de Óbidos sobre o anúncio de várias iniciativas online e de projetos culturais a serem desenvolvidos como alternativa ao contexto vivido ao longo do ano de 2020.



Figura 8 – Quadro representante do financiamento camarário no combate às consequências da pandemia.

Guião da entrevista realizada ao segundo grupo focal, trabalhadores e comerciantes da vila de Óbidos

Perguntas:

1. Qual era o cenário vivido antes da pandemia na Vila?
2. Qual o impacto da pandemia na vila de Óbidos?
 - O que mudou na vila com a ausência do acontecimento dos eventos culturais?
3. Qual o impacto da pandemia nos vossos respetivos postos de trabalho?
4. O que sentiu a nível emocional, se não se importar de partilhar claro?

Outros aspetos a acrescentar.

Figura 9 – Guião da entrevista realizada aos trabalhadores e comerciantes da vila (03.08.2021).



Figura 10 – Captura de fotografia de uma loja local inserida no Espaço Ó. (Fotografia de autor).



Figura 11 – Captura de fotografia da fachada lateral da Igreja de S. João. (Fotografia de autor).



Figura 12 – Captura de fotografia da fachada do espaço Ponto Ó. (Fotografia de autor).

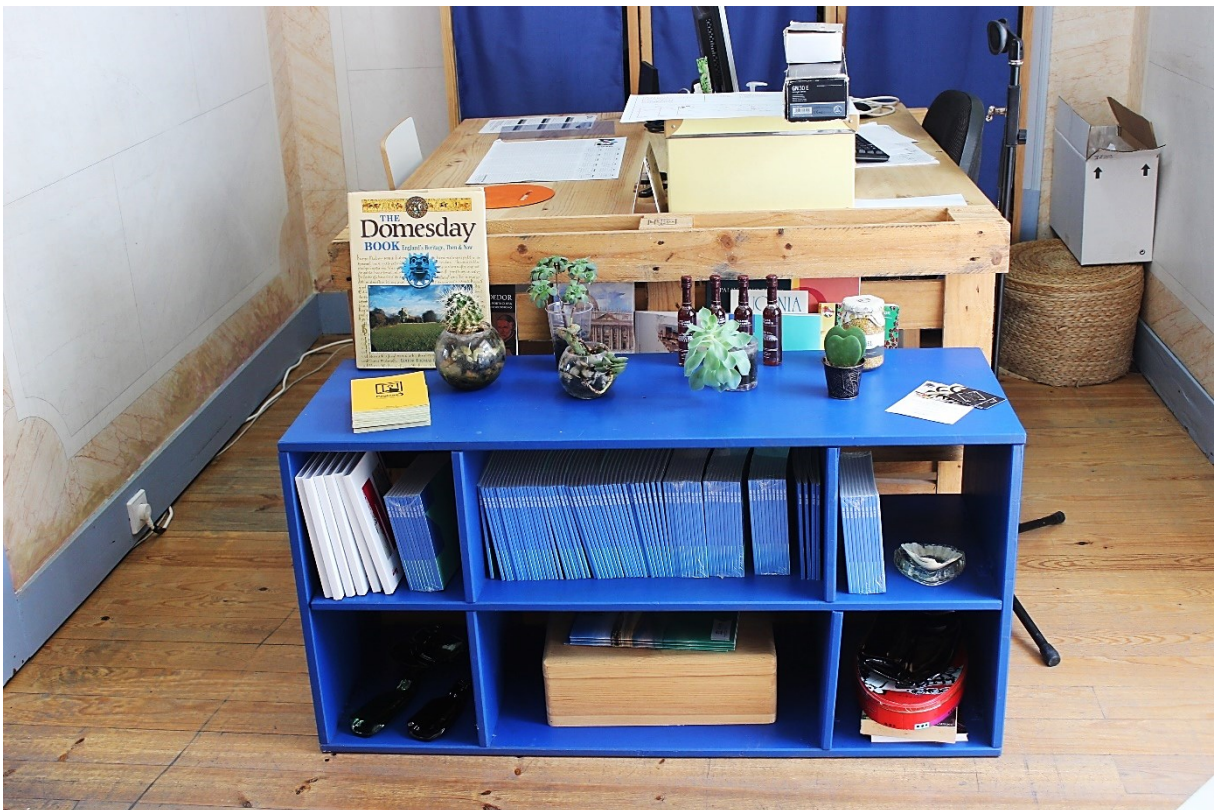


Figura 13 – Captura de fotografia ao pormenor do interior do espaço Ponto Ó. (Fotografia de autor).



Figura 14 – Captura de fotografia da fachada da Porta da Vila decorada sob o contexto da comemoração do Mercado Medieval. (Fotografia de autor).



Figura 15 – Captura de fotografia do artista de rua entrevistado, o Senhor Árvore. (Fotografia de autor).



Figura 16 – Captura de fotografia das muralhas vistas de cima para baixo dentro da Porta da Vila.
(Fotografia de autor).



Figura 17 – Captura de fotografia do interior da Porta da Vila, Capela Oratório. (Fotografia de autor).



Figura 18 – Captura de fotografia da entrada da Rua Direita. (Fotografia de autor).



Figura 19 – Captura de fotografia de uma pousada situada na Rua Direita. (Fotografia de autor).



Figura 20 – Captura de fotografia da fachada da Igreja de Santiago. (Fotografia de autor).



Figura 21 – Captura de fotografia do interior da livraria da Igreja de Santiago. (Fotografia de autor).



Figura 22 – Captura de fotografia do interior da livraria da Igreja de Santiago. (Fotografia de autor).

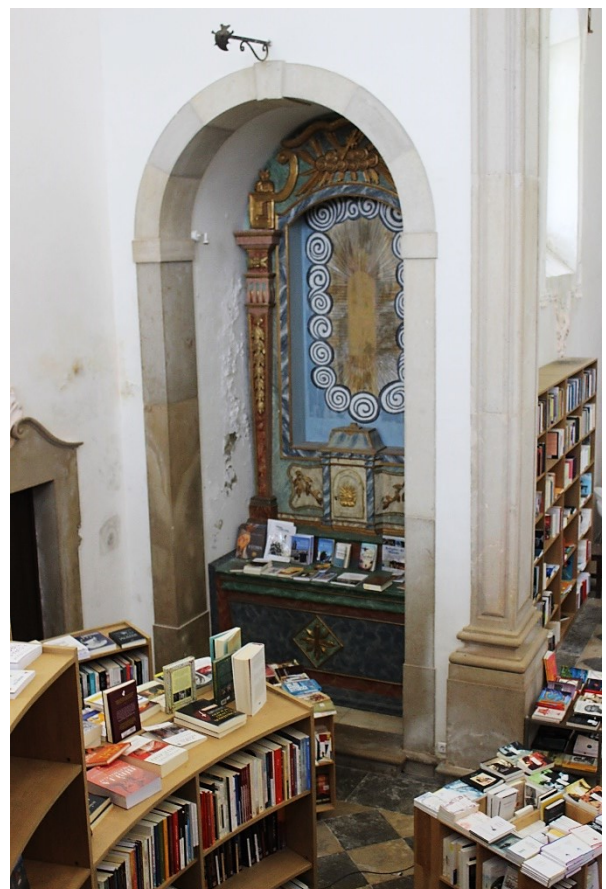


Figura 23 – Captura de fotografia do interior da livraria da Igreja de Santiago. (Fotografia de autor).



Figura 24 – Captura de fotografia do interior da livraria da Igreja de Santiago. (Fotografia de autor).



Figura 25 – Captura de fotografia da fachada da Pousada do Castelo, encerrada. (Fotografia de autor).



Figura 26 – Captura de fotografia da vista parcial do lado este da vila de Óbidos. (Fotografia de autor).



Figura 27 – Captura de fotografia da fachada norte do Castelo de Óbidos decorada sob o contexto da comemoração do Mercado Medieval. (Fotografia de autor).